

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL MESTRADO**

MARINA KIRSCH OHLWEILER

**PANDEMIA COVID-19 E ANÁLISE DA CONVERSA MULTIMODAL:
PORQUE O LAR VIRA TRABALHO, MAS O TRABALHO NÃO VIRA UM LAR**

São Leopoldo

2022

MARINA KIRSCH OHLWEILER

**PANDEMIA COVID-19 E ANÁLISE DA CONVERSA MULTIMODAL:
PORQUE O LAR VIRA TRABALHO, MAS O TRABALHO NÃO VIRA UM LAR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann

São Leopoldo

2022

O37p Ohlweiler, Marina Kirsch.
Pandemia COVID-19 e análise da conversa multimodal : porque o lar vira trabalho, mas o trabalho não vira um lar / por Marina Kirsch Ohlweiler– 2022.
91 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2022.
“Orientadora: Dra. Ana Cristina Ostermann”.

1. Análise da conversa multimodal. 2. Home office.
3. Interação social. 4. Pandemia COVID-19.
5. Teletrabalho. I. Título.

CDU: 808.56

MARINA KIRSCH OHLWEILER

**PANDEMIA COVID-19 E ANÁLISE DA CONVERSA MULTIMODAL:
POR QUE O LAR VIRA TRABALHO, MAS O TRABALHO NÃO VIRA UM LAR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fernanda Miranda Cruz – UNIFESP
(Participação por Webconferência)

Profa. Dra. Márcia de Oliveira Del Corona – UNISINOS
(Participação por Webconferência)



Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann (Orientadora) – UNISINOS

AGRADECIMENTO À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A todas as mulheres das famílias Kirsch e Ohlweiler.

AGRADECIMENTOS

Segundo o monge budista, Thich Nhat Hanh, “não existe um caminho para a felicidade; a felicidade é o caminho”. É dessa forma que vejo o meu caminho percorrido no Mestrado. Há quem diga que a felicidade chega quando essa jornada de dois anos termina. Eu não acredito nisso, pois, ao longo deste trabalho, escolhi percorrer um caminho de felicidade, não esperando por ela no final da jornada. Além de ter a oportunidade de me desenvolver academicamente, tive o privilégio de contar com pessoas que fizeram ou que fazem parte da minha história. Por isso, agradeço a todas, de coração. Meus amigos e amigas, por favor, sintam-se contemplados/as nesta minha fala de agradecimento.

A meu companheiro, Mateus, pessoa que escolhi para compartilhar a vida. Só nós dois sabemos tudo o que passamos nesses dez anos de história. Sou grata por sua parceria, por nossa troca de ideias, pelo afeto, pelo amor e pela compreensão. Você sempre me incentivou a seguir por esse caminho, apesar de tantas dificuldades. Além disso você é um exemplo como pesquisador. Tenho muito orgulho e me inspiro em você. Você é, pelo menos parcialmente, responsável pelas discussões presentes nesta dissertação. Eu sou infinitamente grata por nossas trocas e por você não me deixar na solidão, dar voz e interagir com as minhas múltiplas ideias. Além do Mateus, estendo os agradecimentos à Obi e ao Charlie, filhos felinos, que estão presentes constantemente em minha vida. Vocês três fazem os meus dias mais felizes e completos.

À minha mãe, Anna, e a meu pai, Raul, vocês são grandiosos. Vocês sempre me apoiaram e me estimularam a conquistar novos voos nesta vida. Vocês são imortais! Na minha existência, eu honro as suas vidas e as suas trajetórias. Amo muito vocês. Assim como amo as minhas irmãs, Augusta e Débora, e meu irmão, Jessé. Vocês são pessoas extraordinárias e de coração puro. Estendo esse agradecimento a meus avós, o Seu Cláudio e a Dona July, que também estão presentes na minha vida (e espero que estejam presentes na conquista deste título).

UNISINOS: minha segunda casa, também referida por mim como “meu jardim”. Lugar que me acolheu desde 2012. Sou eternamente grata às pessoas incríveis que fazem essa instituição acontecer. Só quem vive a Unisinos sabe o que ela significa e representa.

Agradeço à minha grande orientadora, Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann, que é uma pessoa incrível e super competente. É quem acreditou e apostou nesta mestranda desde o início. Aqui, cito Paulo Freire, quando ele diz que “o professor se eterniza em cada ser que educa”. Você se eternizou em mim, e está marcada para sempre na minha trajetória. Obrigada por tanto

conhecimento compartilhado, ideias, sugestões, comentários e por me fazer dar valor e vibrar com as minúcias da nossa vida cotidiana, minha parceira.

Às professoras da banca, Profa. Dra. Márcia de Oliveira Del Corona e Profa. Dra. Fernanda Miranda da Cruz, obrigada pelo carinho e pela acolhida na área de estudo, através de sua leitura atenta e suas contribuições significativas. O olhar de cada uma de vocês foi essencial para que eu pudesse continuar. Traduzo os meus agradecimentos com o pensamento de Cora Coralina: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. Eu aprendi e aprendo muito com vocês. Inclusive, aprendi que é possível cursar alegremente o mestrado. Obrigada pela generosidade de cada uma!

Aos/às colegas do Grupo FEI que, comprovadamente, mostraram que é possível afetar e ser afetada através das telas em uma vida conturbada pela pandemia. Apesar da distância física, criamos um vínculo social tão bonito, uma rede de apoio, uma comunidade de práticas, cujos combustíveis foram o afeto, o conhecimento, a vontade de progredir e de fazer a diferença. Obrigada pela parceria e pelas muitas trocas ao longo desta jornada. Vocês estão eternizados/as em meu coração: Bruno Zanuz, Bruno Campos, Daniela Andrade, Camila Tempas, Fernanda Andrioli, Joana Restelli Ferla, Leonardo Vescovi, Mineia Frezza e Paola Konrad.

Professoras/es e colegas do curso de Letras e do PPGLA: sem palavras para expressar todo o acolhimento que recebi e que tenho recebido. Ao longo de minha vida, percebi que eu me diminuía para caber. Com vocês, pude transbordar-me e seguir o meu propósito de vida: ser agente de transformação social.

Um super agradecimento a todas as pessoas que se envolveram em minha pesquisa e forneceram seus dados. Sem a ajuda de vocês não seria possível desenvolver esta Dissertação.

Por fim, meus sinceros agradecimentos, com essa citação de Galeano, que mostra a importância de cada um/a de vocês para que eu pudesse chegar até aqui: “Somos um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo”.

Vocês são as fogueirinhas da minha existência! Continuem brilhando e chamuscando os olhos de quem os/as vê, assim como fizeram com a minha vida. Desejo o melhor a todos/as!

“Big Brother is watching you”. (ORWELL, 1950, p. 2).

RESUMO

A pandemia da COVID-19, devido às condições de distanciamento social, levou a uma reconfiguração da forma de trabalho (de presencial para teletrabalho) de alguns grupos sociais brasileiros. A partir do aparato teórico-metodológico da Análise da Conversa Multimodal de base Etnometodológica, foram analisadas interações de dois grupos familiares distintos para compreender como têm sido (co)construídas as interações sociais da vida doméstica e da vida institucional em uma mesma configuração espacial (i.e., residências) durante o período pandêmico. A configuração espacial das residências foi afetada pela pandemia ocasionada pela COVID-19 e passou a contar com dois domínios distintos. O primeiro, com objetos que representam a vida institucional (e.g., tela do computador, celular, escrivaninha, mesa de jantar); e o segundo, que possui objetos relativos à vida doméstica (e.g., sofá, televisão, cozinha, banheiro). Os domínios, no entanto, não são somente físicos, mas também virtuais. Além disso, os/as interagentes transitam entre um domínio e outro através de um gatilho/convite, seguido do aceite ou da recusa do convite ao novo contexto interacional. A expansão ou retração dos domínios é dependente da temporalidade e do resultado das ações e decisões dos/as interagentes. Observou-se a existência de uma assimetria quando há expansão do domínio da vida institucional sobre o domínio da vida doméstica. As pessoas possuem agentividade para impor limites às expansões e retrações dos domínios. No entanto, a agentividade é limitada pelos proxies institucionais.

Palavras-chave: Análise da Conversa Multimodal. *Home Office*. Interação Social. Pandemia COVID-19. Teletrabalho.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic, due to conditions of social distancing, led to a reconfiguration of the way of working (in person and working at home) of some Brazilian social groups. Employing Ethnomethodological and Multimodal Conversation Analysis, we analyzed interactions of two distinct family groups to understand how the social interactions of intimate and institutional life have been (co)constructed in the same spatial configuration (i.e., residences) during the pandemic period. The spatial configuration of the household was affected by the COVID-19 pandemic and shows two distinct domains. The first is composed of objects that represent institutional life (e.g., computer screen, cell phone, desk, dining table) and the latter, by objects related to intimate life (e.g., sofa, television, kitchen, bathroom). Nonetheless, domains are not only physical but also virtual. Moreover, their transition from one to another happens through a trigger/invitation, which marks a transition period, followed by the acceptance or refusal of the invitation to the new interactional context by the interactants. The expansion or retraction of domains depends on temporality and is the result of the interactants' actions and decisions. We observed an asymmetry when there is an expansion of the domain of institutional life over the domain of intimate life. People have the agency to impose limits on the expansions and contractions of domains. However, the agency is limited by institutional proxies.

Keywords: COVID-19 Pandemic. Multimodal Conversation Analysis. Social Interaction. Work at Home.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Perspectiva teórico-metodológica da Análise da Conversa Multimodal	35
Figura 2 – A maquinaria da pesquisa em AC	36
Figura 3 – Planta aproximada e simplificada da configuração espacial onde ocorreram as interações entre o casal Felícia e Gustavo. Não em escala.	45
Figura 4 – Felícia e Gustavo orientados à televisão enquanto comem	46
Figura 5 – Gustavo com face paralisada e ação de levar a polenta à boca suspensa quando toca o telefone	46
Figura 6 – Ampliação da #Figura 5. Captura de vídeo do Excerto 1	47
Figura 7 – Gustavo retorna a polenta ao prato e Felícia orienta-se (cabeça e olhar) a ele	49
Figura 8 – Gustavo direciona-se ao chamado do “contexto institucional” e Felícia busca o controle remoto enquanto lida com seu prato de comida	50
Figura 9 – Ampliação da #Figura 8. Captura de vídeo do Excerto 3	51
Figura 10 – Felícia e Gustavo orientados à comida e à televisão	52
Figura 11 – Ampliação da # Figura 10. Captura de vídeo do Excerto 4	53
Figura 12 – Felícia projeta movimento de soco no ar e Gustavo termina de comer	54
Figura 13 – Gustavo, com as mãos cruzadas, olha para celular e Felícia, para o marido	54
Figura 14 – Felícia olha para Gustavo e ri da situação	55
Figura 15 – Planta aproximada e simplificada da configuração espacial onde ocorreram as interações entre Francine e Augusta. Não em escala.	56
Figura 16 – Representação visual parcial da configuração espacial da interação entre Francine e Augusta	57
Figura 17 – Francine aponta para o computador de Augusta	58
Figura 18 – Augusta clica no <i>touchpad</i> do computador.....	60
Figura 19 – Francine caminha em direção à Augusta e a seu computador.....	60
Figura 20 – Francine realiza movimento de vaivém e Augusta aponta em direção à tela do computador – parte 1	61
Figura 21 - Francine realiza movimento de vaivém e Augusta aponta em direção à tela do computador – parte 2	61
Figura 22 – Augusta senta-se na cadeira até então usada por Francine.....	61
Figura 23 –Augusta acena para Francine.....	62
Figura 24 - Francine aproxima-se de Augusta para verificar se o vídeo não está aberto e reiterar que Augusta não o abra.....	62

Figura 25 - Francine olha e projeta o seu torso à Augusta, após a filha tê-la interrompido para saudar a equipe	64
Figura 26 – Augusta afasta-se de Francine.....	65
Figura 27 - Augusta direciona-se à Francine, segurando a bacia de pipocas e Francine vira-se e estende suas mãos à bacia	66
Figura 28 – Augusta acena para a tela e Francine clica no <i>touchpad</i> do computador.....	66
Figura 29 – Francine direciona seu corpo e seu olhar à bacia de pipocas	67
Figura 30 – Augusta e Francine disputam a bacia de pipocas	67
Figura 31 – Francine coloca a bacia de pipocas à sua esquerda, enquanto Augusta acena para os/as participantes da reunião	68
Figura 32 – Francine direciona olhar para Augusta e a filha acena para a tela do computador da mãe.....	70
Figura 33 –Francine direciona seu olhar ao banheiro.....	70
Figura 34 –Augusta posiciona-se com mãos ao lado do corpo, expressando a vontade de ver a orientanda de Francine.....	71
Figura 35 –Francine direciona olhar para Augusta.....	71
Figura 36 – Francine clica no botão do computador	72
Figura 37 – Francine orienta-se (gestos e olhar) ao fone de ouvido.....	72
Figura 38 – Francine coloca o fone de ouvido	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados selecionados para serem explorados na dissertação	39
Tabela 2 – Perfil dos/as participantes	39

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1: O chamado	46
Excerto 2: O drone.....	48
Excerto 3: O volume	50
Excerto 4: O contato.....	52
Excerto 5: Ufa.....	53
Excerto 6: Dois minutinhos	57
Excerto 7: A telinha	60
Excerto 8: Aquele olhar	64
Excerto 9: Pipoca	65
Excerto 10: Tava ou não tava	69

LISTA DE SIGLAS

1PP	Primeira Parte do Par Adjacente
2PP	Segunda Parte do Par Adjacente
AC	Análise da Conversa Multimodal de base etnometodológica
COVID-19	Doença do Coronavírus
FEI	Fala-em-Interação em Contextos Institucionais e Não Institucionais
LA	Linguística Aplicada
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	22
1.1 JUSTIFICATIVA	23
1.2 OBJETIVOS	24
1.2.1 Objetivo Geral.....	24
1.2.2 Objetivos Específicos	24
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	26
2.1 AS MODALIDADES DO TRABALHO À DISTÂNCIA NO BRASIL.....	26
2.2 A INTERAÇÃO SOCIAL COMO OBJETO DE ANÁLISE E TEORIZAÇÃO.....	27
2.2.1 Breve levantamento histórico: o mundo social das interações	28
2.3 AC NO CONTEXTO INTERACIONAL DO COTIDIANO.....	30
2.4 MULTIMODALIDADE NA ANÁLISE DA CONVERSA	31
2.4.1 A perspectiva de multiatividades nas interações sociais	33
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA AC MULTIMODAL.....	35
3.1 ETAPAS DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA	35
3.1.1 Processo de Geração de Dados	36
3.1.2 Processo de Transcrição de Dados	40
3.1.3 Pergunta de Pesquisa.....	42
3.1.4 Processo de Análise de Dados	42
4. ANÁLISE DOS DADOS	44
4.1 QUANDO A VIDA INSTITUCIONAL RETRAI A VIDA DOMÉSTICA.....	44
4.1.1 O gatilho: vida institucional que chama	45
4.1.2 O drone: trabalho que vigia o descanso.....	48
4.1.3 “Guerra dos mundos” – Parte I: o institucional vs. o cotidiano.....	50
4.1.4 O retorno ao doméstico	51
4.1.5 Ufa! (quando o chamado não é institucional).....	53
4.2 QUANDO A VIDA DOMÉSTICA RETRAI A VIDA INSTITUCIONAL.....	56
4.2.1 Dois minutinhos: vida doméstica que chama	57
4.2.2 A telinha: trabalho que vigia o cotidiano	59
4.2.3 Aquele olhar	63
4.2.4 “Guerra dos mundos” – Parte II: o cotidiano vs. o institucional	65
4.2.5 O retorno do doméstico ao institucional.....	69
5. DISCUSSÃO SOBRE A ANÁLISE INTERACIONAL.....	75

5.1 UM OLHAR AOS RECURSOS MATERIAIS E SUA MOBILIZAÇÃO NAS INTERAÇÕES SOCIAIS.....	75
5.2 OS DOMÍNIOS DOS ÂMBITOS INSTITUCIONAL E DOMÉSTICO.....	77
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICE A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO.....	88
APÊNDICE B – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO MULTIMODAL	89
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE... 	91

PRÓLOGO

São 10h30 da manhã de uma quinta-feira. Marina, mestranda em Linguística Aplicada, e sua orientadora, Profa. Ana, fazem a sua primeira reunião de orientação durante a pandemia. “Ana está chamando” é a mensagem que aparece no computador de Marina. Marina atende ao chamado. O encontro é virtual. Ocorre por uma plataforma de interação on-line com essa finalidade, dentre outras tantas.

As coisas estão diferentes naquele momento. O ar está mais pesado. É possível sentir uma tensão na atmosfera. Quando isso vai acabar? Muitas questões começaram a atormentá-las. Esse encontro deveria estar ocorrendo no campus da universidade, de forma presencial. Não era assim que imaginavam que seriam suas orientações ao longo do Mestrado. Não eram assim os planos.

Mas ali estavam. A realidade era aquela. Naquele momento, não havia escolha. A situação exigia calma e paciência, pois estavam vivendo sob o regime de distanciamento social (ou físico, já que o social pode acontecer em outros formatos) com a finalidade de desacelerar uma pandemia global. O distanciamento foi projetado para mitigar, conter, reter. Assim fora feito em outros momentos na história. As escolas estavam fechando, assim como eventos públicos ou qualquer outro tipo de reunião. Era certo presumir que, mais cedo ou mais tarde, inúmeras pessoas adoeceriam. A estratégia era a de evitar que isso acontecesse em números excepcionalmente altos e de forma simultânea. Ficar fisicamente longe era a melhor coisa a ser feita por elas, aluna e orientadora, e por todos/as.

O encontro on-line possibilitava a interação por áudio e vídeo entre Marina e Ana. Elas estavam com suas webcams habilitadas, podendo se enxergar em tempo real, além de se falar. Elas também tinham, nesse encontro, um espaço para digitarem e interagirem por escrito, o que, naquele momento, não fora utilizado. Além disso, elas podiam configurar e personalizar o seu espaço visual de reunião, ou seja, como o “ambiente” em que estavam se apresentava de uma para a outra.

A possibilidade de inserir planos de fundo à reprodução da imagem ocultava o que havia em segundo plano. Assim, o foco era na pessoa “em tela” e não no que se passava em seu ambiente doméstico. Marina personalizara um plano de fundo para que seus/suas interlocutores/as não tivessem acesso visual ao que a cercava. O plano de fundo escolhido era uma imagem de uma cafeteria. Um espaço bem amplo, mas vazio, sem a presença de outras pessoas. Apenas o cenário com sua mobília característica.

E essa foi a impressão e a orientação de Ana: pelo plano de fundo escolhido por Marina, ela pensou sua orientanda estivesse, no mínimo, sozinha, em um local espaçoso e, por consequência, sem a presença de outras pessoas. Naquele momento, Marina utilizava fone de ouvidos do tipo headphones. Aqueles fones ideais para ouvir áudio com alta qualidade. Naquele caso, o objetivo era para melhorar a concentração e o foco. Assim, Marina não tinha acesso a ruídos ou vozes advindas de seu ambiente doméstico.

Porém, após alguns instantes do início da reunião, as impressões foram quebradas. Ana teve acesso aos ruídos externos provenientes do espaço pessoal e privado da orientanda. Como Marina usava os fones, esses sons não eram audíveis para a própria. Para lidar com vozes altas que aconteciam no espaço pessoal de Marina, Ana aumentava o volume de sua própria voz de forma a garantir que fosse ouvida por Marina. Os ruídos – disponíveis para Ana, mas não para Marina, ainda que em seu espaço pessoal – eram provenientes de outro ambiente institucional, paralelamente constituído bem ao lado de Marina, dentro de sua residência. Eram as interações de Mateus, seu companheiro, que também participava de uma reunião virtual com a sua equipe de trabalho.

Ana, então, explicou à Marina porque estava falando tão alto, já que Marina mantinha sua voz em tom e volume normais. Ou seja, enquanto Ana “competia” com um volume mais alto para ser ouvida, os ruídos não eram um problema para Marina, já que ela nem mesmo os ouvia.

Ao mesmo tempo em que esse fato deflagrou muitas risadas entre Ana e Marina, uma realidade “pandêmica” se escancarava bem ali, bem aos seus olhos – ou melhor, aos ouvidos de uma das interagentes. Os enormes rearranjos espaciais domésticos gerados pelo “home office” estavam mais salientes do que nunca.

O casal Marina e Mateus precisava manter as suas agendas institucionais e lidar com elas. Em sua conjuntura, ela e ele estavam trabalhando em casa. O casal não tinha um cômodo específico que servisse como escritório. Naquele momento, não podiam se isolar um do outro. Se qualquer um se dirigisse para o quarto da casa, a contingência seria o sinal da internet, que não alcançaria e não propiciaria uma conexão estável e acesso ao mundo virtual. Sala de estar, de jantar e cozinha formavam um único um espaço. Não havia paredes entre ambos.

Marina trabalhava na escrivaninha da casa localizada em um canto da sala, logo na entrada; Mateus, ao seu lado, na mesa de jantar que se tornara sua escrivaninha e posto de trabalho na pandemia. Apenas o sofá separava o casal. Ou seja, a amplitude simulada pelo plano de fundo da cafeteria era uma amplitude de um mundo fictício, muito longe do espaço real transformado em home office pelo casal. O “home” e o “office” eram agora

compartilhados. Vidas doméstica e institucional mesclavam-se em um só lugar. Nem o mundo virtual, nem os fones de ouvido de Marina, davam conta de fazer essa separação.

A reunião entre professora e aluna finalizou com sucesso, mesmo com as contingências interacionais daquele momento. A partir de então, por dois anos consecutivos, todas as reuniões de orientação continuaram a ocorrer no modo on-line e síncrono. Assim como o resto da vida institucional, quiçá doméstica, de ambas. As interações sociais continuaram. O distanciamento era físico. As duas foram impactadas por essa nova conjuntura, mas mobilizaram novas formas de (re)organizar as suas vidas. O mais interessante sobre essa experiência surreal é a prova de que todos/as estamos intimamente, inevitavelmente, interconectados/as.

O motivo do desenvolvimento desta narrativa é a vivência de um momento crucial, que nos levou a perceber o mundo do teletrabalho a partir de um olhar, no mínimo, questionador. Ambas, mestranda e orientadora, fomos impactadas por essa experiência e podemos dizer que foi por causa dela que nossas impressões foram encorajadas a serem perseguidas e investigadas a partir das interações familiares em tempos pandêmicos.

Começamos, então, a interrogarmo-nos sobre como o distanciamento social afetava e transformava a vida das pessoas, os seus espaços físicos e suas realidades. Como as pessoas estavam e permanecem estando nesse mundo social que passou a se instituir de maneira repentina, sem aviso prévio ou hora marcada.

1 INTRODUÇÃO

2020: ano em que a população global se confronta com a pandemia da Doença do Coronavírus (doravante COVID-19), causada pelo agente etiológico SARS-CoV-2. (MANDERSON; LEVINE, 2020). Ao longo desse período, pesquisadores/as das Ciências da Saúde, em um esforço mundial, apressaram-se na busca de uma vacina contra o vírus. Enquanto a doença não é considerada erradicada, esses/as especialistas têm recomendado uma medida profilática não-farmacêutica, simples e eficiente para atenuar o contágio: o distanciamento social, ação que se provou eficaz durante outras pandemias, como a Influenza de 1918. (MARKEL *et al.*, 2007; SCHWARCZ; STARLING, 2020; WALKER *et al.*, 2020).

A recomendação é simples: ficar em casa, evitando o contato com outras pessoas que não sejam parte de seu grupo familiar, ou seja, aquelas que não moram na mesma residência. (KEHL, 2003). As medidas progressivas de distanciamento social objetivam a redução da interação entre as pessoas a partir do fechamento de escolas e universidades, da proibição de eventos em massa e de aglomerações, da restrição de viagens e transportes públicos, e até mesmo da total proibição de circulação nas ruas, com acesso apenas aos serviços essenciais. (AQUINO *et al.*, 2020; SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Devido ao confinamento, diversas categorias passaram a trabalhar de casa. *Home office* torna-se, então, uma expressão usual para nós brasileiros/as. Ela não tem uma tradução exata para o português, mas significa trabalhar em casa. Nesse momento, para muitos/as de nós, a casa (*home*) vira escritório (*office*). Isso sem mencionar quando a escola ou a universidade entram na mesma configuração espacial. Eis o desafio das famílias que residem sob o mesmo teto nesse período: a tentativa de conciliar as interações sociais da vida doméstica com aquelas da vida institucional em aspectos temporal, geográfico e afetivo.

Devido ao contato físico, os vírus tendem a se espalhar nas comunidades, em uma pequena escala, gerando surtos, e em uma escala intercontinental, as pandemias. (SPINNEY, 2017). Em uma pandemia, os vírus ultrapassam o individual e o particular, atacando a coletividade. Assim como os vírus, a fala-em-interação social também vai além do individual, uma vez que duas pessoas ou mais precisam se engajar para (inter)agirem no mundo. (HUTCHBY; WOFFITT, 1998a). Com o distanciamento social, essas interações permaneceram ocorrendo entre, por exemplo, membros/as de uma mesma casa, ao acessarem um serviço essencial (e.g., supermercados, farmácias e hospitais). No entanto, face aos desafios impostos pela pandemia, algumas dessas interações transmutaram-se. Por intermédio tecnológico (por meio de encontros virtuais em aplicativos on-line de comunicação), passou a

ser usual a comunicação entre colegas de trabalho, de faculdade, de escola e de outros espaços de socialização da vida pública (e.g., cultos religiosos, celebrações e festas).

1.1 JUSTIFICATIVA

A preocupação com a coletividade em períodos de pandemia demanda esforços não apenas de cientistas da saúde. Há um consenso que as ciências sociais e aplicadas colaboram igualmente para o progresso dos estudos que envolvem desastres, incluindo as pandemias, sugerindo, assim, que ambas as áreas devam dialogar. (TIMMERMANS; HAAS, 2008). Nessa circunstância e nesse momento específico, a Linguística Aplicada (LA) e, particularmente, a Análise da Conversa Multimodal de cunho Etnometodológico (AC), apresentam-se como de grande valia para a compreensão dos comportamentos sociais. A LA tenta compreender, tornar inteligíveis e buscar resolver problemas sociais relacionados ao uso da língua no mundo real. (CELANI, 1992; MOITA LOPES, 1996). A AC, por sua vez, ao assumir uma perspectiva etnometodológica, propõe-se a analisar e entender as interações sociais naturalísticas, ou seja, a vida “como ela é”, em situações reais da vida social. (SCHEGLOFF *et al.*, 2002; SEEDHOUSE, 2005).

A pandemia COVID-19 vem sendo objeto de estudo da AC em âmbitos institucionais e cotidianos. Em contextos institucionais, as interações entre médicos/as e pacientes, em consultas presenciais e via Telessaúde, que consiste em um método de consulta on-line empregado no Brasil devido à pandemia, têm sido foco de estudos da AC. (EKBERG *et al.*, 2020; SEUREN *et al.*, 2020; WHERTON *et al.*, 2020). Ademais, no âmbito institucional, interações on-line entre professores/as e estudantes também têm sido analisadas. (GUO; ZHANG, 2021; VERONESI *et al.*, 2021). Em nível mundial, ainda são poucos os estudos que focalizam na análise de dados naturalísticos da vida cotidiana a partir da abordagem da AC. A criatividade humana nos momentos de cumprimentos e saudações, por exemplo, foi objeto de estudo através de registros gravados de saudações em interações entre políticos/as e de interações reais entre pessoas no dia a dia, demonstrando como os/as interagentes negociam mutuamente as mais diversas formas de cumprimentarem-se sem o toque ou o aperto de mãos no período de distanciamento social. (KATILA; GAN; GOODWIN, 2020; MONDADA *et al.*, 2020a). A atividade social tão mundana como a de “pagar” por uma compra também foi estudada, devido à sua reorganização imposta por regulações especiais e, especialmente, como vendedores/as e compradores/as adaptaram seus métodos para reduzir a chance de contágio e como isso tem afetado as relações sociais. (MONDADA *et al.*, 2020b).

Há uma lacuna não apenas no estudo das interações cotidianas em períodos de distanciamento social, mas também em como essas interações ocorrem no ambiente doméstico, quando o lar, antes um espaço íntimo e doméstico, retrai-se frente a domínios institucionais. A escassez desses estudos leva ao desfoque de possíveis relações entre comportamentos e interações sociais evidenciadas em conversas cotidianas. A Caixa de Pandora das interações domiciliares em período de distanciamento social será aberta, e esta pesquisa está disposta a examinar e a mostrar como as pessoas têm negociado e se reorganizado em situações em que cotidiano e institucional competem num mesmo espaço.

1.2 OBJETIVOS

A seguir, apresentamos o objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desta dissertação de Mestrado consiste em compreender e analisar, por meio do aparato teórico-metodológico da Análise da Conversa Multimodal de base Etnometodológica (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974; GOODWIN, 2000; MONDADA, 2018; CRUZ *et al.*, 2019; KONRAD; OSTERMANN, 2020; OSTERMANN; FREZZA; PEROBELLI, 2020), como têm sido (co)construídas as interações sociais do âmbito doméstico e do âmbito institucional (e.g., trabalho, escola) em uma mesma configuração espacial (i.e., residências) entre membros/as de um mesmo grupo familiar do Brasil no período de distanciamento social, consequência da pandemia COVID-19.

1.2.2 Objetivos Específicos

O objetivo geral é seguido pelos seguintes objetivos específicos:

- a) identificar o uso que os/as participantes fazem dos recursos materiais e suas relações com o espaço diante das expansões e retrações dos domínios doméstico e institucional;
- b) identificar as tendências entre ações e recursos interacionais multimodais (i.e., linguísticos, corporificados e materiais) evidenciados, que são

mobilizados e gerenciados pelos/as participantes nas interações, e que corroboram a expansão e a retração dos domínios doméstico e institucional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para atender aos objetivos desta pesquisa, a fundamentação teórica é dividida em quatro seções. Primeiro, abordaremos as modalidades do teletrabalho na sociedade brasileira. Em seguida, discutiremos sobre alguns dos principais estudos precursores sobre Interação Social, através de um breve levantamento histórico traçado pela mestrandia em sua trajetória no Mestrado. Na sequência, a Análise da Conversa Etnometodológica é apresentada como uma teoria e metodologia efetiva para entender o mundo social, atuando no contexto da vida doméstica e cotidiana das pessoas. Por fim, a multimodalidade na interação social será conceituada, demonstrando a importância da perspectiva da Análise da Conversa Multimodal de natureza Etnometodológica.

2.1 AS MODALIDADES DO TRABALHO À DISTÂNCIA NO BRASIL

Trabalhar de casa, ou em casa, não é uma circunstância particular do distanciamento social, ou associada unicamente a áreas correlatas à tecnologia da informação, nem mesmo exclusividade do século XXI. (SHAMIR; SALOMON, 1985). Trabalhar em casa tem sido uma condição desde antes da Revolução Industrial. Durante o século XIX, devido ao desenvolvimento das indústrias têxteis, essa modalidade desenvolveu-se principalmente na Europa e na Ásia. Contudo, atualmente o trabalho à distância continua como protagonista no sul global (SHAMIR; SALOMON, 1985). Essa modalidade de trabalho gerou (e tem gerado) diversas implicações no sistema de trabalho, mudando, inclusive, a sua estrutura. (SHAMIR; SALOMON, 1985). Tal mudança foi inicialmente discutida a partir de uma perspectiva organizacional, enfatizando as vantagens competitivas para as organizações e para a sociedade (e.g., redução do tráfego, do consumo de energia). Todavia, essa mudança não foi inicialmente abordada a partir do ponto de vista dos/as trabalhadores/as. (SALOMON; SALOMON, 1984).

O trabalho à distância ou trabalho remoto foi (e continua sendo) cogitado por diversas empresas empregadoras no período de pandemia (i.e., a partir de março de 2020). As restrições de isolamento social, resultantes do período pandêmico, forçaram mesmo aqueles/as que não possuíam a infraestrutura devida a desempenhar seu trabalho de forma remota. (ISLAM, 2022). No Brasil, de maio a novembro de 2020¹, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica e

¹ Cabe ressaltar que não há dados oficiais sobre trabalho remoto e distanciamento social gerados por órgão governamental fora desse período.

Aplicada (Ipea), 11% dos/as trabalhadores/as foram atingidos/as por essa medida (i.e., 8,2 milhões do universo de 74 milhões de trabalhadores/as). (LISBOA, 2021).

Porém, o perfil socioeducacional dos/as brasileiros/as atingidos/as por essa medida é dominado por um grau de instrução de nível superior (74,6%, do total de 8,2 milhões de pessoas) (LISBOA, 2021). Ou seja, o trabalho remoto, no Brasil, é um “privilégio” para poucos/as. (FELSTEAD *et al.*, 2002). Na perspectiva da COVID-19, por exemplo, trabalhadores/as do mercado informal e que prestam serviços essenciais à sociedade (e.g., trabalhadores/as de supermercados, de farmácias, da saúde, de higienização de ambientes) foram os/as que não conseguiram usufruir dessa modalidade e tiveram que se expor aos riscos da pandemia. (SANTOS, 2021).

Dois termos, em especial, têm sido utilizados para denotar o trabalho remoto no âmbito da sociedade brasileira: *home office* e teletrabalho. (LISBOA, 2021). A origem do termo *home office* é desconhecida. Ele designa o escritório em casa (tradução nossa), ou seja, trabalhar em casa de forma remota. Trata-se de uma modalidade específica e flexível que possibilita ao/a trabalhador/a que alterne entre o presencial e o virtual. Assume-se, então, que o controle da jornada de trabalho fica sob responsabilidade da empresa. (NADER, 2021). Em contraste, já na configuração do teletrabalho, dispomos de um serviço que é realizado totalmente à distância, ou seja, fora do espaço institucional de forma remota. (ALLEN; GOLDEN; SHOCKLEY, 2015). Assim sendo, temos em mente que a configuração de teletrabalho foi a que passou a ser adotada no Brasil ao longo da pandemia da COVID-19, devido à crise sanitária que se instaurou e, para fins de evitar o contágio, às medidas de distanciamento social.

2.2 A INTERAÇÃO SOCIAL COMO OBJETO DE ANÁLISE E TEORIZAÇÃO

A AC advém de uma vertente da Sociologia, a Etnometodologia, que se fundamenta no fato de podermos, como pesquisadores/as, valer-nos do olhar êmico dos/as participantes de uma interação para que seja possível compreender o que eles/as estão fazendo e quais os métodos que estão empregando em seu fazer. (GARFINKEL, 1967; DEL CORONA, 2011). Antes de adentrarmos na AC, abordagem teórico-metodológica desta pesquisa, vale compreender, de forma sintetizada, a sua base sociológica a partir de alguns estudos precursores sobre interação social, assim como sobre o desenvolvimento do papel da linguagem na sociabilidade humana. Na subseção seguinte, abordaremos algumas das contribuições da Sociologia para e sobre a linguagem e as interações sociais, considerando suas semelhanças e divergências para a fundamentação dos estudos da Análise da Conversa Multimodal.

2.2.1 Breve levantamento histórico: o mundo social das interações

Diversos são os/as sociólogos/as que, desde o início do século XX, enfatizaram o papel essencial da linguagem nas relações sociais que moldam a sociedade. Por exemplo, Max Weber ([1922] 1983) postulou a Teoria da Ação Social. A ação social, de acordo com o autor, é orientada conforme o princípio da intencionalidade, isto é, as condutas relacionais e sociais possuem uma intenção intrínseca e consciente. A linguagem através da fala é, portanto, a reprodução e o reconhecimento de conceitos absorvidos pelos indivíduos e o significado é a base da cultura e da vida social. (WEBER, 1983).

Nessa perspectiva da importância da linguagem, Blumer (1937) complementou que é com base nos significados que os/as humanos/as agem em direção às coisas. Para o autor, os significados são formados no contexto da interação. Mead (2009) empenhou-se em estabelecer as bases para uma concepção interacionista da sociedade. Sua preocupação central baseava-se na construção identitária do indivíduo. Segundo ele, são as relações sociais e o papel que desempenhamos na sociedade que constituirão a pessoa. (MEAD, 2009). Essa corrente de pensamento, conhecida como Interacionismo Simbólico, considera a existência de um mundo simbólico, em que a representação pessoal do indivíduo é influenciada por sua interpretação pessoal, social e simbólica. (MEAD, 2009). O uso de significados por uma pessoa em suas ações envolve um processo interpretativo, que ficaria a cargo dos/as sociólogos/as, desconsiderando a análise crítica da interação e de seus significados presentes no método científico (MEAD, 2009). Embora a importância da linguagem para a ação social fosse ressaltada pelos autores, não havia evidências nem mesmo demonstrações empíricas de como o mundo social funcionava e se organizava. (HERITAGE; STIVERS, 2013). Assim, há foco no significado da vida social, mas não no papel da linguagem. (HERITAGE; STIVERS, 2013; SILVERMAN, 1998).

Sacks e Schegloff (1974) foram pioneiros no estudo da linguagem de forma detalhada, pois é ela que conduz a ação social no mundo. A interação humana, conforme postulado pelos autores, é, de fato, organizada e ordenada e tem muito a revelar sobre os comportamentos humanos e os fenômenos sociais. Esses comportamentos e fenômenos são particulares e ocorrem em situações específicas, não podendo ser generalizados. (HERITAGE; STIVERS, 2013). Eis o motivo pelo qual a AC utiliza-se de conceitos da Etnometodologia, pois é por essa perspectiva que Garfinkel (1967) apontou que os objetos e os eventos sociais são constituídos de consciência.

O mundo social cotidiano possibilita, desse modo, a criação comum de sentido entre os/as participantes da interação. Isso ocorre por meio de dois princípios: (i) o princípio da reflexividade, isso é, o processo de responsabilidade mútua para gerar o entendimento compartilhado entre os/as participantes da interação; e (ii) o princípio da indexicalidade, que consiste na utilização de elementos indexicais (e.g., eu, você, ele/a, nós, eles/as, aqui, ali, agora, então, isso, aqui, esses/as, aqueles/as, hoje, ontem, amanhã), que funcionam e fazem significado na própria conversa e não de forma isolada. (HERITAGE; STIVERS, 2013).

Goffman (1955) também contribuiu com seus *insights* para a fundação da AC, olhando para *sensemaking*, ou seja, para a forma como as pessoas fazem e dão sentido às suas experiências sociais. Para ele, os/as atores/as da interação entendem-se entre si a partir das inferências que fazem de suas próprias escolhas. Goffman (1974) situou a interação em uma estrutura e mostrou a ordem interacional em outras instituições sociais. Ele se engajou com questões relacionadas à fala e apontou a centralidade da linguagem e do significado, olhando para seus locais de produção na interação social. (GOFFMAN, 1981).

Garfinkel (1967), ao considerar a experiência humana, o raciocínio e a interação, criou sentido para os estudos interacionais. (HERITAGE; STIVERS, 2013). Sacks (1984) propôs uma organização procedimental capaz de demonstrar que o comportamento e a ação das pessoas não dependem de uma organização normativa. O comportamento e a ação não são governados, mas guiados por regras e por um ritual interacional. Ou seja, as pessoas podem fazer o que quiserem, podendo ser, ou não, responsabilizadas pelas implicações de suas ações. Dessa forma, para existir a ordem social, primeiro vêm as pessoas e as interações entre elas, e depois as normas interacionais. Os significados e as normas não são pré-existentes às pessoas. Eles são constituídos pelas pessoas na interação. Portanto, são as pessoas e suas interações sociais que criam a ordem social. (HERITAGE; STIVERS, 2013; SILVERMAN, 1998).

Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) propiciaram uma metodologia capaz de analisar e de compreender os comportamentos sociais e métodos empregados pelas pessoas. Os indivíduos são capazes de gerar a ordem social em um mundo repleto de significados. Significados esses, que se constituem realizações situadas e conjuntas nas interações. A AC se trata de uma perspectiva possível que demonstra, a partir de um procedimento que envolve a produção simultânea e *in situ* de contextos e sentidos com base em elementos indexicais, como as ações sociais são constituídas e gerenciadas pelas pessoas. (HERITAGE; STIVERS, 2013).

2.3 AC NO CONTEXTO INTERACIONAL DO COTIDIANO

A partir de *insights* de sociólogos como Garfinkel e Goffman, Harvey Sacks, sociólogo norte-americano, foi um dos primeiros pesquisadores a perceber, tentar compreender e propor o estudo da organização das possibilidades analíticas empíricas da conversa. Seu foco analítico foi a linguagem em uso, e não apenas “linguagem em teoria”, assim como a “teoria da ação social” postulada por Max Weber no início do século XX. (HERITAGE; STIVERS, 2013).

Seus estudos e suas aulas culminaram em uma obra póstuma, sistematizada por seus colegas Emanuel Schegloff e Gail Jefferson. (SACKS, 1992). Essa obra é considerada como o marco fundador da AC, sendo utilizada como referência até o presente. Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) postularam que há “ordem em todos os pontos”, inclusive, na interação social, e essa ordem é passível de observação e de análise. A análise dos dados interacionais ocorre por meio da investigação da sequencialidade dos turnos de fala e suas consequentialidades: as ações sociais dos indivíduos participantes da interação. Assim, a partir de uma perspectiva êmica, orientada às/aos participantes da interação, os fatores externos como sentimentos, intenção e vontade são desconsiderados. (SIDNELL, 2010).

AC surge para dar conta das minúcias que constituem a vida social. Para tanto, um de seus objetivos consiste em analisar e compreender os métodos que os/as próprios/as participantes da interação utilizam para agir de maneira conjunta por meio do uso da linguagem, seja ela verbal ou corporificada. Com a fundação da AC, compreende-se a fala não apenas como a realização de um sistema gramatical pré-existente, focada apenas em sons, estrutura e forma. A fala-em-interação faz parte de um complexo processo de produção e de recepção, que é organizado de forma sequencial através da coordenação realizada por todos/as os/as participantes da interação. (ATKINSON; HERITAGE, 1984).

A fala em ação desdobra-se no tempo e é ajustada de acordo com o contexto interacional, mobilizando, por parte do/a interagente, uma pluralidade de recursos (e.g., língua, gestos, direcionamento do olhar e da cabeça, expressões faciais, postura corporal, movimentos corporais, manipulação de objetos, relação com o espaço) reconhecidos como multimodais. Assim, os recursos de diferentes campos semióticos, sendo a fala apenas um deles, tornam-se relevantes no processo analítico, de forma com que seja investigado como os/as participantes desempenham suas ações em cada turno na sua interação. (CRUZ *et al.*, 2019).

A perspectiva e o olhar investigativo e analítico da AC são pautados, desde seus primórdios (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), em conversas naturalísticas do cotidiano, uma vez que as interações sociais do cotidiano constituem o núcleo duro da

comunicação humana. A fala espontânea cotidiana desenvolve-se sem nenhum treinamento formal ou habilidade específica para além das faculdades cognitivas e habilidade de produção oral consideradas normais. Além disso, a interação caracteriza-nos como seres humanos/as e seres pensantes, capazes de (co)coordenar ações uns/umas com os/as outros/as. Parte-se, assim, da premissa de que as conversas cotidianas são o ponto de partida para qualquer análise que envolva a linguagem, não apenas a Análise da Conversa. (CLARK, 2011; GARCEZ; LODER, 2005; SCHEGLOFF, 1999). Trata-se, dessa forma, de uma maneira de ver e de entender as interações sociais.

2.4 MULTIMODALIDADE NA ANÁLISE DA CONVERSA

Para dar conta de analisar o que está disponível aos/às participantes, aproximando-se de suas próprias perspectivas, uma abordagem multimodal foi utilizada nesta pesquisa. Por meio da multimodalidade, consideramos não somente as ações produzidas a partir da fala verbalizada, mas também os elementos que envolvem o não verbal, ou seja, os recursos corporificados e materiais utilizados pelos/as participantes. (MONDADA, 2007; 2018; 2019). Para tanto, foram consideradas interações naturalísticas, isto é, interações oriundas de momentos de convívio e trocas da vida cotidiana, que ocorreriam independentemente da presença da pesquisadora ou de uma pesquisa em andamento.

A multimodalidade se refere à perspectiva de **todos os recursos que são utilizados e gerenciados pelos/as participantes da (inter)ação social, com a finalidade de organizarem as suas ações sociais no mundo.** (STREECK; GOODWIN; LEBARON, 2011; MONDADA, 2007, 2018). Nessa concepção, interessa-nos compreender como as **ações sociais são construídas a partir de uma rede de sistemas semióticos ligados a diferentes modalidades:** aspectos linguísticos e aspectos relacionados ao corpo e aos objetos presentes no espaço físico em que a interação acontece. A ação humana é organizada a partir desses múltiplos recursos que são localmente situados, complementares e intersubjetivos aos/às participantes. (MONDADA, 2014). De forma resumida, investigamos como os múltiplos recursos são mobilizados pelos/as participantes da interação e coordenados através da sequência interacional e das múltiplas temporalidades. Esses recursos multimodais complexos são denominados *Gestalts*, denotando, de maneira situada, uma integração holística, interacional e cognitiva. (MONDADA, 2014).

Essa abordagem multimodal em uma perspectiva analítica não é novidade. A filmagem de vídeos, devido ao seu avanço e à sua popularização, tornou-se uma ferramenta para registro de condutas multimodais, uma vez que não só o áudio é registrado, mas também as condutas

corporificadas realizadas pelos/as participantes nas interações face a face, mesmo que, muitas vezes, de forma parcial. A partir dos anos de 1970, o casal Charles e Marjorie Goodwin foi pioneiro em gravar interações audiovisuais de conversas em jantares e em outros encontros sociais cotidianos. (MONDADA, 2014). Sacks e Schegloff também analisaram interações face a face em vídeos e trataram do conceito de posição de origem (*home position*), que se trata da posição em que inicialmente o/a interagente estava antes de realizar determinada ação. (SACKS; SCHEGLOFF, 2002).

A partir de então, começaram a ser levantados questionamentos acerca da separação e do isolamento entre o que é e o que não é verbal em determinado contexto comunicativo, além de questionamentos sobre o sentido em usar os termos verbal e não verbal (KENDON, 1972), uma vez que o comportamento humano não é bipartido. Nos estudos interacionais, considera-se uma visão holística do ser humano e a ecologia interacional disponível, compondo as já nominadas *Gestalts*. (MONDADA, 2014).

A partir da consolidação de mais estudos multimodais, a fala e os comportamentos mostraram-se ocorrendo de forma concomitante e como fatos interdependentes, em vez de modos de ação isolados e/ou separados. Alguns estudos precursores abordaram, por exemplo, gestos (KENDON, 1986), orientação do olhar (ATKINSON, 1984) e ações corporificadas mais globais. (HINDMARSH; HEATH, 2000; MONDADA, 2007; 2011; STIVERS; SIDNELL, 2005).

Alguns dos princípios fundamentais da AC Multimodal consistem na temporalidade, na sequencialidade e na reflexividade. Os turnos são considerados veículos para as ações sociais realizadas pelas pessoas. As ações, por sua vez, consistem em fenômenos temporais, isto é, elas são reflexivamente articuladas em diferentes projeções e temporalidades de acordo com as respostas que são a elas providas por meio das ações dos/as interagentes. Tais ações são realizadas a partir de recursos multimodais relevantes que são mobilizados, considerados, vistos e tratados na ecologia local pelos/as coparticipantes da interação em diferentes ordens temporais. (MONDADA, 2014a).

A partir dos estudos multimodais na fala-em-interação foi possível demonstrar fenômenos até então limitados à AC tradicional, como mobilidade (HADDINGTON; MONDADA; NEVILE, 2013), multiatividades (MONDADA, 2014b), interações com objetos (NEVILE *et al.*, 2014), sensorialidade (CEKAITE; MONDADA, 2020) e interações corporificadas silenciosas (de humanos a animais). (MONDÉMÉ, 2018; ROSSANO, 2013).

O ponto de vista multimodal, considerando os pressupostos da AC, vai além do foco único e primário da fala, demonstrando como os/as participantes de uma interação recorrem a

diversos recursos materiais e sociais para intermediarem as suas relações sociais. A multimodalidade, dessa forma, é corporificada e está relacionada ao ambiente em que as pessoas estão inseridas e a como elas se relacionam com o ambiente. Os recursos multimodais são, portanto, indispensáveis para compreender as interações humanas face a face. (GOODWIN, 2000).

Os recursos multimodais utilizados pelos/as interagentes são construídos localmente, de acordo com as suas necessidades na interação. Cada ecologia terá recursos diferentes disponíveis aos/às interagentes. À vista disso, uma determinada ação pode ser desempenhada de diversas maneiras, podendo servir a diferentes propósitos dependendo de sua ecologia local. (MONDADA, 2014a). Ponderamos, então, que não há outra forma de analisar as interações da vida cotidiana sem que se considere as multimodalidades atuantes nessa conjuntura.

2.4.1 A perspectiva de multiatividades nas interações sociais

As pessoas estão frequentemente fazendo diversas coisas simultaneamente. Dessa forma, elas precisam lidar com múltiplos envolvimento nas vidas cotidiana e profissional, perpassando, em diversas ocasiões, entre as fronteiras trabalho e família, ou mais especificamente, entre a vida pública e a vida privada. Esses envolvimento referem-se a um fenômeno visível, que é corporificado, material e linguístico, gerenciado pelos/as participantes da interação através de múltiplas temporalidades. E como as pessoas são as agentes dessas atividades, temos um fenômeno que é socialmente organizado. (HADDINGTON *et al.*, 2014).

Para esta pesquisa, vale ressaltar o porquê de adotarmos o termo *multiatividade* e não *multitarefa*. Apesar de ter sido popularizado pela literatura em geral, *multitarefa* denota um aspecto cognitivo e individual, focalizando no que o indivíduo é capaz de realizar em seu *modus operandi* particular. *Multiatividade*, no entanto, trata-se de uma abordagem interacional, focalizada na coordenação coletiva de múltiplas atividades. (HADDINGTON *et al.*, 2014). Dito de outra forma, as multiatividades acontecem na sequência interacional com duas ou mais pessoas agindo em prol da coconstrução do mundo social pelas suas ações, de maneira conjunta, simultânea ou em série. Trata-se, portanto, de um fenômeno intersubjetivo e colaborativo. (HADDINGTON *et al.*, 2014).

Para fins de compreensão acerca das multiatividades e de suas temporalidades, o entendimento do tempo é crucial. Além da sequencialidade necessária para a compreensão das ações sociais, a organização temporal das ações e das sequências de ações é um aspecto fundamental. (HADDINGTON *et al.*, 2014). A importância do tempo está relacionada ao fato

de que as ações são práticas situadas. Elas ocorrem na sequencialidade do aqui e do agora interacionais. Em outras palavras, as pessoas estão sempre se orientando ao que vem antes e ao que ocorre depois de suas ações no curso da interação e ao “por que isso agora?”. (MONDADA, 2014; SCHEGLOFF; SACKS, 1973). A análise compreende não apenas a fala, mas as condutas corporificadas, as circunstâncias físicas e espaciais e o uso de objetos por parte dos/as participantes, cada elemento ocorrendo em uma temporalidade. (HADDINGTON *et al.*, 2014).

Assim, a partir de uma perspectiva multimodal é possível explorar como os diversos modos da temporalidade e da sequencialidade são localmente gerenciados dentro de múltiplas atividades. Ademais, partindo de uma visão êmica, pode-se investigar como os/as participantes se orientam à temporalidade e à sequencialidade e como demonstram os seus entendimentos em um determinado contexto interacional. (HADDINGTON *et al.*, 2014).

Tendo dito isso, faz-se importante discorrer acerca das três ordens temporais que podem ser identificadas nas interações sociais. Na ordem paralela, diversos cursos de ação social são administrados sem interferências. Na ordem encapsulada, os cursos de ação são entrelaçados e alternados. Por fim, na ordem exclusiva, uma atividade é abandonada para que se possa dar conta de outra. (HADDINGTON *et al.*, 2014). No capítulo de análise de dados, a posteriori, demonstraremos cada uma dessas ocorrências.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA AC MULTIMODAL

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados neste estudo. Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa e descritiva, cujos alicerces fundamentam-se na perspectiva teórico-metodológica da Análise da Conversa Multimodal (Figura 1), descrita na fundamentação teórica deste trabalho. (GOODWIN, 1981, 2000; KONRAD; OSTERMANN, 2020; OSTERMANN; FREZZA; PEROBELLI, 2020; SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974).

Figura 1– Perspectiva teórico-metodológica da Análise da Conversa Multimodal



Fonte: Elaborada pela autora.

A partir do questionamento inicial sobre as (re)organizações sociais das interações em contexto domiciliar que, ao longo do período de distanciamento social demandado pela pandemia da COVID-19, passaram a ser ambiente também de trabalho e/ou de estudo, interações foram gravadas, transcritas e analisadas segundo os pressupostos concebidos pela Análise da Conversa Multimodal.

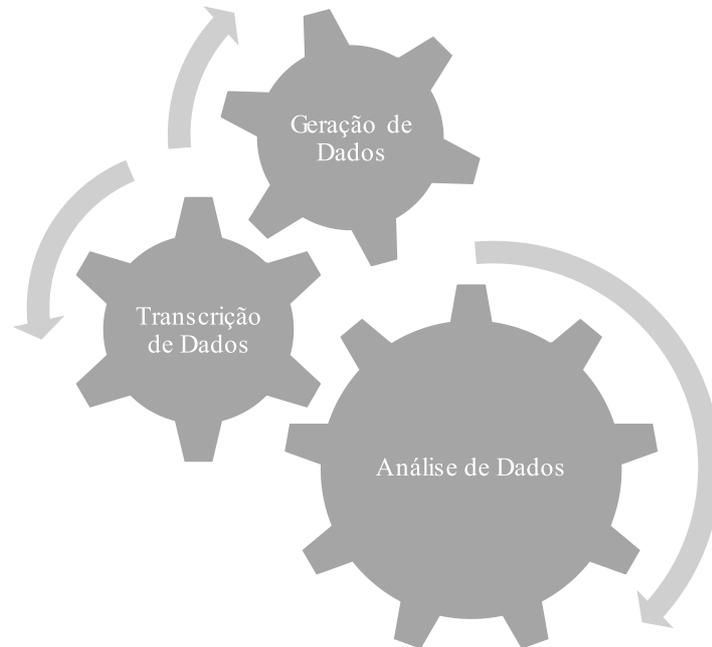
3.1 ETAPAS DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta seção está dividida em quatro subseções para que seja possível compreender quais foram as etapas de realização da pesquisa. Na primeira subseção, descreveremos como se deu o processo de geração de dados. Na segunda, abordaremos sobre como ocorreu a transcrição dos dados. Na terceira subseção, discorreremos sobre como se deu a formulação da pergunta de pesquisa a partir da orientação aos dados. Por fim, será apresentado o processo de análise de dados.

É importante ressaltar que, para uma etapa ocorrer, não necessariamente a etapa anterior deva estar concluída. As etapas da pesquisa foram construídas de forma simultânea e concomitante, desconsiderando uma ordem cronológica, processual e linear. Para o

funcionamento da maquinaria da pesquisa, utilizando a AC, cada engrenagem deve funcionar conjuntamente (Figura 2).

Figura 2 – A maquinaria da pesquisa em AC



Fonte: Elaborada pela autora.

3.1.1 Processo de Geração de Dados

Uma vez que o contexto deste trabalho consiste nas consequências interacionais frente às restrições demandadas pela COVID-19, os procedimentos metodológicos desta dissertação também sofreram consequências provocadas pela pandemia e pelo distanciamento social. A pesquisa iniciou em março de 2020, no mesmo período em que diversas instituições no âmbito nacional (e internacional) optaram pelo distanciamento social como uma medida preventiva, como, por exemplo, a Unisinos, instituição da qual fazemos parte. A partir dessa decisão institucional, as interações entre a mestranda e a orientadora, bem como as aulas do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, passaram a ser no modo on-line síncrono.

Frente a esse cenário, optamos por olhar para como as famílias que estiveram (ou que permanecem) em regime de distanciamento social em suas residências comportavam-se e relacionavam-se com os/as membros/as, e (re)organizaram-se em seu espaço doméstico e íntimo. Para a condução deste estudo, as interações multimodais realizadas pelos/as participantes foram registradas. Neste trabalho, pretendeu-se analisar os recursos utilizados pelos/as próprio/as participantes a partir da análise da sequencialidade interacional por meio da

investigação de recursos multimodais, ou seja, recursos linguísticos, materiais e corporificados. Para tanto, foram gravadas, em áudio e vídeo, interações de famílias brasileiras que residem nos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo. Essas interações foram registradas, sob nossa orientação, com o apoio das próprias famílias participantes.

Para geração dos dados, foram convidadas dez famílias a partir das redes de contato social da mestranda, que aceitaram participar do estudo. O processo de contato com esses núcleos familiares distintos ocorreu após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Unisinos². A interação entre mestranda e famílias participantes ocorreu de forma virtual, via ferramentas on-line como *WhatsApp*, *Microsoft Teams* e/ou mesmo por e-mail. As gravações foram realizadas de forma caseira pelos/as próprios/as membros/as dos grupos familiares, com as suas próprias câmeras de celular, *tablets* ou mesmo câmeras filmadoras. Isso deveu-se a dois motivos principais: (1) as circunstâncias passadas (e ainda atuais) que impediam o deslocamento da mestranda até as residências para disponibilizar câmeras e gravadores de voz de qualidade profissional; e, (2) que os/as próprios/as participantes pudessem decidir espontaneamente sobre o que desejassem gravar, bem como o que desejassem compartilhar com a mestranda.

Cada família foi instruída sobre o modo de gravar, assim como posicionamento da(s) câmera(s), para que o áudio fosse reproduzido com o menor número de ruídos possível, e para que a câmera fosse posicionada em um ângulo do cômodo da casa que compreendesse todos/as os/as interagentes, de forma a incluir as suas expressões faciais e movimentos corporais. (MONDADA, 2007). Vale ressaltar que, no processo de geração de dados, todos/as os/as participantes autorizaram integrar a pesquisa a partir da assinatura digital do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)³. De maneira excepcional, os/as participantes que não conseguiram assinar o TCLE de forma digital, autorizaram a participação na pesquisa pelo formato de áudio, via *WhatsApp*. Para a etapa de gravação das interações em áudio e vídeo, não foi especificado às/aos participantes o momento familiar que deveria ser registrado, nem a duração mínima ou máxima da gravação, uma vez que qualquer momento de interação em que estivessem duas ou mais pessoas já seria considerado válido para este trabalho.

As gravações, depois de recebidas, foram vistas e revistas diversas vezes, de acordo com a necessidade e o objetivo de identificar fenômenos iniciais e aguçar o exercício analítico. (POMERANTZ; FEHR, 2011). A partir disso, iniciou-se o processo de tratamento dos dados

² Projeto aprovado sob parecer n° 4.093.857.

³ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) consta em uma versão para áudio e vídeo no Anexo A. Enfatiza-se que a gravação foi autorizada por meio da leitura e assinatura do TCLE.

pela pesquisadora, que consistiu na análise inicial de dados relevantes que poderiam responder às observações e indagações iniciais da pesquisa, e nas transcrições verbal e multimodal. Na subseção a seguir, é possível visualizar a relação das interações selecionadas para serem exploradas nesta Dissertação, bem como verificar o perfil familiar dos/as participantes desses núcleos familiares.

Vale ressaltar que, mesmo com as instruções sobre o adequado posicionamento das câmeras, a qualidade de áudio e/ou vídeo das interações recebidas, em muitos casos, não era considerada a “ideal”, pois as câmeras dos/as participantes apresentavam limitações de qualidade – não se equivaliam às de laboratório ou mesmo profissionais. Além disso, as posições das câmeras também não favoreceram a análise de algumas interações, cortando alguns/algumas participantes, mesmo eles/as tendo recebido a instrução sobre a melhor forma de posicionar seus equipamentos antes de iniciarem o processo de gravação. Desde o momento inicial, já tínhamos ciência de que isso ocorreria, uma vez que uma câmera não consegue registrar a interação em sua plenitude. Ainda assim, os dados interacionais audiovisuais foram considerados bons o suficiente para realização de uma microanálise, demonstrando o que de fato aconteceu. (SACKS, 1984). Estes foram os dois principais fatores para a seleção e a preferência de algumas interações sobre outras: qualidade do vídeo e posicionamento da câmera, com a finalidade de focar nas ações multimodais e nos múltiplos recursos utilizados pelos/as participantes da melhor forma possível.

Para abranger os mais diversos arranjos familiares, por famílias, nesta pesquisa, usa-se o conceito de família tentacular (KEHL, 2003), concepção que ignora as tradicionais e padrões famílias nucleares. A família é considerada tentacular ao comparar-se a um polvo com seus múltiplos tentáculos, que abraçam membros/as familiares até então inexistentes: vindouros de novos relacionamentos, filhos/as dos novos pais, filhos/as de adolescentes que engravidaram e não têm onde morar e são criados, nem sempre pelo pai e pela mãe, mas por outro/a familiar. Além disso, filhos/as não são necessários/as para considerar um grupo familiar como família. (KEHL, 2003).

Como já informado, o processo de tratamento e análise de dados iniciou assim que a mestranda recebeu as gravações de áudio e vídeo das famílias participantes, possibilitando que os dados fossem tabulados e tratados para fins de transcrição e análise inicial. Foi necessária, inicialmente, a obtenção de uma certa familiaridade com as interações, uma vez que não houve nenhuma delimitação sobre o que precisava ser gravado pelos/as participantes. Tratava-se de interações espontâneas sem assunto previamente definido. A única condição era que fossem feitas em suas residências e que os/as participantes estivessem cumprindo o regime de

distanciamento social. Dessa maneira, foram recebidos os mais diversos momentos interacionais domiciliares: almoço em família, jantar, trabalho em casa, momentos de estudo, lazer e descanso, socialização, mãe e crianças preparando-se para dormir. As gravações foram obtidas em diferentes momentos da pesquisa, perfazendo um total de, aproximadamente, trinta e oito horas.

As interações foram realizadas em português brasileiro por falantes nativos/as do Brasil, mais especificamente dos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo. A faixa etária dos/as participantes varia entre seis e sessenta e cinco anos. Em relação à situação socioeconômica, os/as participantes são pertencentes à classe média ou superior. Para este trabalho, a partir das observações realizadas, as interações de dois grupos familiares foram selecionadas: (i) Felícia e Gustavo, casal sem filhos/as; e (ii) Francine e Augusta, mãe e filha (Tabela 1 e Tabela 2).

Tabela 1 – Dados selecionados para serem explorados na dissertação

Código da transcrição	Duração (s)	Participantes (anonimizados/as)	Data Gravação (dd/mm/aaaa)
CC_felicia_gustavo_24_05_2020_I	00:09:52	Felícia e Gustavo	24/05/2020
CC_felicia_gustavo_24_05_2020_II	00:06:08	Felícia e Gustavo	24/05/2020
CC_francine_augusta_18_06_2021_cel	00:23:16	Francine e Augusta	18/06/2021

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 2 – Perfil dos/as participantes

Nome⁴	Idade	Papel	Profissão/Ocupação
Felícia	26 anos	cônjuge de Gustavo	professora de inglês
Gustavo	32 anos	cônjuge de Felícia	assistente de TI
Francine	42 anos	mãe de Augusta	professora universitária
Augusta	6 anos	filha de Francine	estudante

Fonte: Elaborada pela autora.

Na análise inicial, em um primeiro momento, os registros em sua íntegra foram assistidos e, de forma concomitante, anotações sobre os acontecimentos foram realizadas. Nesse processo, pôde-se perceber os principais pontos que parecessem relevantes para a investigação das interações multimodais. (TEN; HAVE, 2007). A relevância e o fenômeno de potencial interesse consistiram nas interações que apresentavam momentos em que os/as participantes realizavam multiatividades, e como eles/as tentavam lidar com essas situações das

⁴ Para fins de redução do risco de identificação dos/as participantes, salientamos que seus nomes próprios, bem como os nomes de cidades e/ou instituições que possam identificá-los/as foram substituídos por nomes fictícios ao longo da pesquisa.

mais variadas formas em quatro tipos de contextos interacionais: cotidiano e institucional; privado e público. De alguma forma, os/as interagentes eram impactados/as e mobilizavam outros recursos quando esses contextos se sobrepunham. Além disso, em alguns casos, atividades eram suspensas para atender a demandas da vida pública ou da vida privada. Esses dados foram selecionados e transcritos. O processo de transcrição será descrito a seguir.

3.1.2 Processo de Transcrição de Dados

O processo de transcrição de dados tornou-se fundamental para que a mestranda pudesse, de fato, compreender, de forma empírica, os fundamentos da AC e os dados que foram a ela enviados, utilizando, inicialmente, as transcrições verbais e multimodais como uma forma de treinamento. Nesse processo, foi possível ouvir e visualizar, de forma detalhada e cuidadosa, os cursos de ação realizados entre os/as interagentes e tornar-me familiar aos dados. (BOLDEN, 2015).

O processo de transcrição não é algo simples, requer muita atenção e detalhe ao nível micro da interação, pois, como uma célula, na AC olhamos para o seu DNA. Ressaltamos que a transcrição foi realizada de forma manual e não automatizada, uma vez que a qualidade dos áudios e dos vídeos não era profissional, permitindo, como consequência, maior engajamento da mestranda com os dados. (BOLDEN, 2015). Essa familiaridade com os dados corroborou com a identificação dos principais fenômenos que poderiam ser investigados, problematizando e moldando a pergunta desta pesquisa e delimitando os objetivos, com a finalidade de respondê-los. (BOLDEN, 2015).

A transcrição se trata de uma representação do que é dito e das ações corporificadas dos/as participantes, sendo as modalidades verbal e corporificada tratadas sem hierarquia, de forma holística, abdicando de uma visão logocêntrica da linguagem. (MONDADA, 2014b). As transcrições possibilitam que determinada ação seja congelada e repetida quantas vezes forem necessárias para que seja possível vislumbrar o que de fato está acontecendo naquele momento em específico e o seu porquê. (POMERANTZ; FEHR, 2011). Todos os esforços foram realizados no momento da transcrição dos dados gerados a fim de que o texto transcrito representasse as minúcias interacionais das condutas dos/as participantes da maneira mais fidedigna possível às interações reais. Isso acontece porque, para a AC, há um interesse peculiar sobre a maneira como os/as participantes realizam suas ações sociais, para além do que eles/as proferem verbalmente.

Assim, os turnos de fala foram registrados da forma com que foram produzidos, incluindo alongamentos de som, ausências de fala, auto-interrupções, ou seja, abandonos da própria fala, reformulações, inspirações, expirações, repetições, risos, entre outros. Como resultado, a transcrição é uma representação da realidade, pois não consegue englobar tudo o que está no vídeo, dependendo do foco de análise da pesquisa.

Para compreender essa complexa ecologia interacional, os dados verbais foram transcritos seguindo as convenções de transcrição propostas por Jefferson (1984)⁵, traduzidas e adaptadas pelo grupo de pesquisa Fala-em-Interação em Contextos Institucionais e Não Institucionais (FEI)⁶, com base em algumas sugestões do grupo GAT2 (2011). De modo a englobar os aspectos não verbais na transcrição, contamos com as convenções sugeridas por Mondada (2019)⁷, igualmente traduzidas pelo grupo FEI. Para auxiliar no processo de transcrição, salienta-se a importância de aparatos tecnológicos, como, por exemplo, o *software Audacity*⁸, que auxilia na mensuração das ausências de fala dos turnos. Para o processo de codificação da modalidade corporificada, o *software ELAN*⁹ contribuiu para os momentos de sincronização entre o áudio e o vídeo.

Após o processo de transcrição inicial dos dados pré-selecionados, foi possível visualizar algumas intercorrências de ações e adentrar no processo de análise de dados. Para complementar o exercício analítico, a mestranda compartilhou as transcrições de interações selecionadas em três sessões analíticas de dados com o grupo FEI para receber *insights* e novas possibilidades de análise, a partir de pontos de vista diferenciados, até então não vislumbrados. Dessa forma, a análise dos dados não se inicia após o processo de transcrição. Ela é intrínseca a ele. Por esse motivo, a transcrição requer revisões sucessivas, visando a encontrar potenciais fenômenos interacionais interessantes e passíveis de análise. (POMERANTZ; FEHR, 2011).

⁵ As convenções de transcrição constam no Apêndice A.

⁶ O grupo de pesquisa Fala-em-Interação em Contextos Institucionais e Não-Institucionais (FEI) é coordenado pela Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e composto por bolsistas de iniciação científica, mestrando/as e doutorando/as.

⁷ As convenções de transcrição multimodais constam no Apêndice B.

⁸ *Audacity* é um software livre de edição digital de áudio disponível principalmente nas plataformas: Windows, Linux e Mac. Mais informações podem ser obtidas em: <https://www.audacityteam.org/>.

⁹ ELAN é uma ferramenta profissional para anotar e transcrever manual e semi-automaticamente as gravações de áudio ou vídeo. Ele possui um modelo de dados baseado em camadas que suporta anotações de vários níveis e participantes múltiplos de mídia baseada em tempo. Mais informações em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>.

3.1.3 Pergunta de Pesquisa

Conforme exposto, os esforços necessários foram realizados para que as transcrições consistissem em uma representação da realidade com a maior fidedignidade possível, possibilitando a visualização do/a leitor/a acerca do que está acontecendo na interação. Dessa maneira, é possível compreender como as ações são realizadas pelos/as participantes, sua(s) (re)organização(ões) social(is) e, como consequência, como estão alcançando a intersubjetividade, isto é, o entendimento mútuo entre si na vida como ela é. (DEL CORONA, 2011).

A partir do contexto apresentado referente à geração e à transcrição dos dados, e com a finalidade de alinhar os objetivos deste trabalho à análise dos dados, emergiu a seguinte questão de pesquisa: **como têm sido (co)construídas as interações sociais do âmbito doméstico e do âmbito institucional (e.g., trabalho, escola) em uma mesma configuração espacial (i.e., residências) entre membros/as de um mesmo grupo familiar do Brasil no período de distanciamento social, consequência da pandemia COVID-19?** Assim, é sobre esse escopo de indagação que este estudo se debruçou.

3.1.4 Processo de Análise de Dados

Ao longo do percurso, foi preciso ter em mente duas questões centrais: (1) o que está sendo realizado por meio do uso das sequências interacionais; e (2) como os/as participantes se engajam e se orientam a isso. (HUTCHBY; WOUFFITT, 1998b). Para responder a essas perguntas, identificou-se, primeiro, um objeto de potencial interesse analítico e, em seguida, produziu-se uma descrição formal de um exemplo empírico. (HUTCHBY; WOUFFITT, 1998b). Essas duas etapas foram realizadas a partir de uma sequência de ações de duas interações selecionadas para serem exploradas nesta pesquisa. Elas podem ser visualizadas no capítulo seguinte, na tentativa de demonstrar como, a partir de ações dos/as participantes, a alteração de contextos interacionais ocorre em um mesmo ambiente, utilizando os mais variados recursos multimodais e como os/as participantes se orientam a isso.

Para a melhor compreensão de alguns termos específicos da AC utilizados ao longo da descrição e da análise dos dados, descrevemos, aqui, os conceitos e a diferença entre *afiliação* e *alinhamento* de ações. Alinhamento e afiliação referem-se à cooperação pretendida e/ou alcançada pelos/as participantes. (STEENSIG, 2012). Alinhamento é compreendido no nível da estrutura da fala, quando um/a interagente ratifica a ação do/a outro/a, facilitando a

realização de atividades na sequência interacional. (STEENSIG, 2012). Afiliação, por sua vez, é compreendida ao nível afetivo da cooperação, demonstrando empatia e endossando o posicionamento do/a interagente em seu turno anterior. (STEENSIG, 2012).

Por intersubjetividade, nesta pesquisa, compreende-se o entendimento mútuo que os/as participantes têm sobre uma situação comum e reconhecida de ação, sendo gerenciada e adaptada localmente pelas partes. Esses entendimentos são compreendidos apenas pelas partes envolvidas. (SCHEGLOFF, 1992; DEL CORONA, 2011). Assim, por intersubjetividade englobamos a forma como os/as interagentes fazem sentido de suas (inter)ações.

Tendo debruçando-nos sobre os procedimentos metodológicos, assim como alguns conceitos caros para as análises interacionais, apresentamos, a seguir, o capítulo analítico.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo se debruça de forma descritiva sobre o que observamos acerca dos espaços físicos, das transcrições e das descrições das interações sequencialmente analisadas. As interações de dois grupos familiares distintos foram utilizadas para que possamos demonstrar como as (inter)ações sociais e as multiatividades são organizadas pelos/as participantes e quais recursos utilizam para se engajarem nessas atividades.

Na primeira seção, a interação entre o casal Felícia e Gustavo é analisada. Felícia é professora de língua inglesa no ensino privado e Gustavo presta assistência técnica no ramo de sistemas de informação. Ela trabalha de segundas às sextas-feiras em horário comercial, entre 7h30 e 17h30. Ele trabalha de segundas às sextas-feiras, das 15h30 às 00h00. Durante as interações analisadas, ocorridas no período da noite, Gustavo estava no momento de intervalo de seu trabalho, porém ele permanece a postos para quaisquer chamados institucionais. O principal objetivo desta seção foi demonstrar, pela orientação aos dados, como o domínio institucional se expande e, por consequência, retrai o domínio cotidiano, e como os/as participantes lidam com isso.

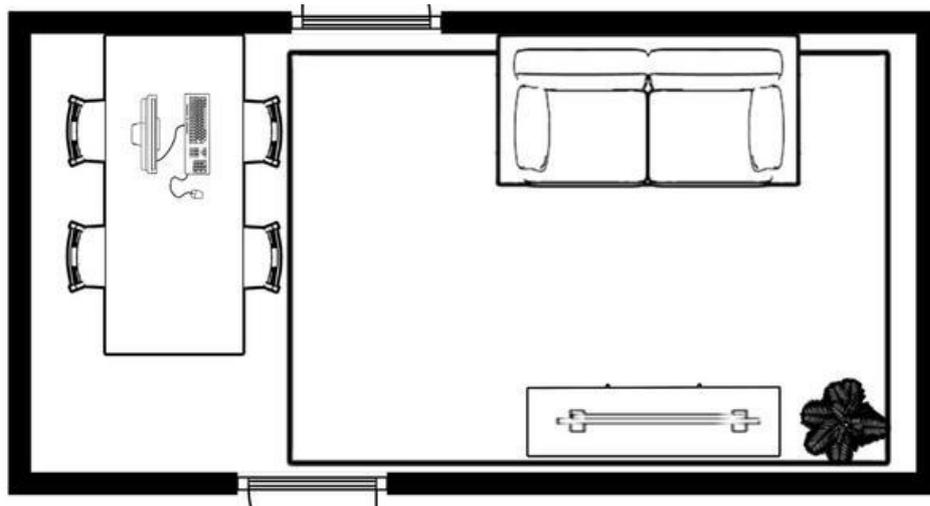
Na segunda seção, a interação entre a mãe, Francine, e a filha, Augusta, também foi descrita e analisada. Francine é professora universitária e Augusta é aluna do ensino fundamental. Na sequência interacional, Francine está lidando com multiatividades do domínio institucional e público (i.e., reuniões on-line do grupo de pesquisa que coordena) e do domínio privado (i.e., atividade doméstica de fazer pipocas para a aula on-line da filha) em sua residência. Assim, a partir da descrição e do olhar aos dados, o objetivo foi demonstrar como mãe e filha organizam-se e mobilizam-se entre a vida doméstica e a vida institucional, e vice-versa. Dessa forma, mostramos como a vida doméstica e cotidiana retrai a vida institucional, expandindo-se.

4.1 QUANDO A VIDA INSTITUCIONAL RETRAI A VIDA DOMÉSTICA

Nesta seção, a partir da exploração de uma sequência de ações interacionais realizadas pelo casal Felícia (FEL) e Gustavo (GUS) ao longo de uma mesma noite, são analisadas as alterações de contextos interacionais em que o domínio institucional expande-se, retraindo o domínio doméstico. Dessa forma, examina-se como o casal participante da interação engaja-se (ou não) para lidar com as multiatividades simultâneas que surgem nesses momentos e que afetam as configurações interacionais.

O espaço físico e interacional da residência do casal é dividido em sala de estar e sala de jantar (Figura 3). A mesa de jantar é também usada como escrivaninha de trabalho de Gustavo. O monitor do computador está ligado e direcionado à sala de estar. Simplificadamente, a sala de estar é composta por um sofá e uma televisão. A imagem da televisão não é mostrada nas interações. O áudio do televisor, no entanto, é captado na gravação.

Figura 3 – Planta aproximada e simplificada da configuração espacial onde ocorreram as interações entre o casal Felícia e Gustavo. Não em escala.



Fonte: Elaborada pela autora.

4.1.1 O gatilho: vida institucional que chama

Nesta subseção, mostraremos como Gustavo e Felícia agem em uma situação onde há domínio da vida doméstica e como reagem frente ao convite de expansão do domínio institucional (Excerto 1).

Inicialmente, o casal está engajado em múltiplas atividades típicas de ambientes domiciliares na vida cotidiana. Estão sentados no sofá, jantando, assistindo a um programa de notícias na televisão e interagindo entre si em uma sexta-feira à noite (Figura 4). Devido à pandemia, ambos estão trabalhando em casa, cumprindo as medidas de isolamento social. Felícia já encerrou seu expediente e está em seu momento de descanso. Dentro de seu expediente, Gustavo tem o direito a uma hora de intervalo. Esse intervalo, em condições normais, era utilizado para o seu descanso. Devido à condição de teletrabalho, ele fica em estado de alerta, a postos para receber ligações institucionais, que podem acontecer a qualquer momento.

Excerto 1: O chamado

```
[CC_felicia_gustavo_24_05_2020_I_ligaçãotrab_ochamado]
((televisão ligada))
1 FEL #◆❖ hhhhhh
a >>-o. p TV-->>
b ◆--:D-->1.2
c gus >>-o. p TV->1.2
d gus ❖--:D-->1.2
e gus >>-leva polenta p boca->1.4
Ima #Figura 4
```

Figura 4 – Felícia e Gustavo orientados à televisão enquanto comem

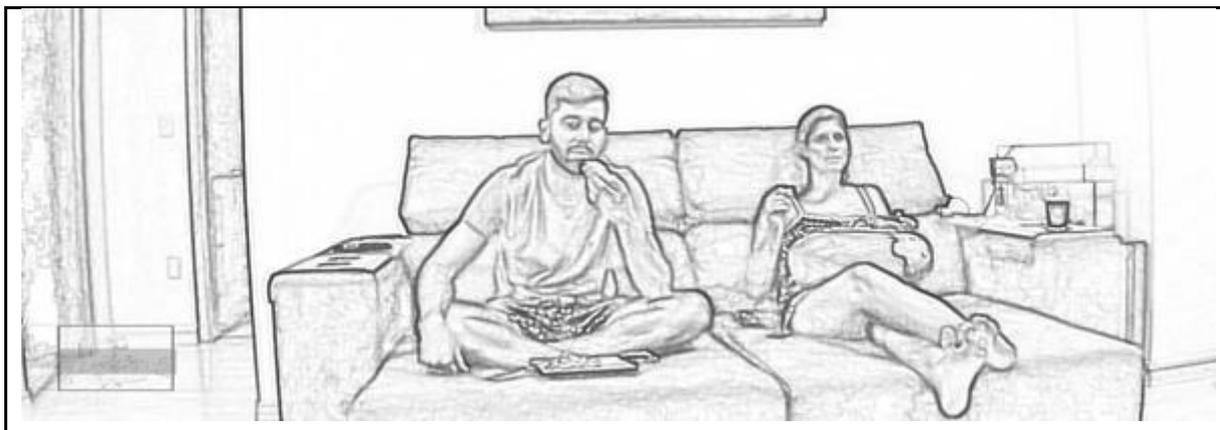


```
2 ◆ (0,5) ◆❖
a fel ◆-ap. MD p TV->1.3a
b fel -->◆
c gus -->❖
3 FEL >>VÊ ◆ SE [POde<< ]
a -->◆
4 ((celular de GUS toca))
5 GUS [°é muito bo]# ❖ m° ❖ ❖
a ❖-face paralisada❖
b ❖-:|->>
c -->❖
Ima #Figura 5
```

Figura 5 – Gustavo com face paralisada e ação de levar a polenta à boca suspensa quando toca o telefone



Figura 6 – Ampliação da #Figura 5. Captura de vídeo do Excerto 1



Fonte: Arquivo pessoal. Modificada pela autora.

Percebemos que, até o momento dos turnos sobrepostos das linhas 3 e 5, ambos estão comendo e seus olhares estão direcionados à televisão. O casal esboça “quase” sorrisos, aparentando descontração enquanto jantam. Felícia produz um riso expirado (hhhhhh) (linha 1) e, logo após, aponta com a mão direita para a televisão (linhas 2a-3a). Esse riso, orientado para a publicidade veiculada na televisão, é seguido por uma avaliação (linha 3) acerca do que assiste, enquanto mastiga sua comida (>>VÊ SE PODE<<).

Gustavo também avalia de forma positiva, com um turno sobreposto ao de Felícia (linha 5), o que é veiculado na TV (°é muito bom°), engajando-se e alinhando-se à avaliação realizada por ela, continuando, ambos, orientados para a tela. Adicionalmente, Gustavo alinha-se por meio de um riso esboçado facialmente (linhas 1d-2). Ou seja, mesmo não sendo sonoro, expressa-se pelo seu movimento labial e pelo seu olhar. Simultaneamente, continua orientado para a atividade de comer, enquanto segura um pedaço de polenta com a sua mão esquerda. Porém, é na sequência que o contexto interacional se altera.

No momento em que Gustavo produz a avaliação da publicidade (linha 5), seu celular toca (linha 4), atuando como um “gatilho” para que ele suspenda as atividades em andamento, o que gera uma mudança na configuração interacional. Para a AC, o toque do telefone é uma convocação (SCHEGLOFF; SACKS, 1973), ou seja, convoca à ação. Assim, o chamado requer uma resposta por parte do/a interagente. O toque é considerado como a primeira parte do par adjacente (1PP), que será completo com o atendimento do telefone (2PP).

No momento do toque do telefone, Gustavo olha para a frente (linha 5a; Figura 6). Tudo leva a crer que o seu direcionamento de olhar demonstra uma mudança de foco, justamente pela atenção dispensada ao toque do telefone. Ele paralisa a sua face por centésimos de segundos, desvia o olhar da televisão e da comida, não parecendo orientado a algo em específico. A partir

desses décimos de segundos, podemos perceber a sua cognição em ação, pois a forma que ele age, faz com que, na sequência interacional, efetivamente, emergja um novo contexto.

4.1.2 O drone: trabalho que vigia o descanso

Nesta subseção, mostraremos a sequência interacional de como Gustavo e Felícia comportam-se em uma situação de transição entre o domínio doméstico e o domínio institucional. Neste pedaço de interação, o domínio institucional, mesmo sem a sua real confirmação, expande-se, retraindo, mas não anulando o domínio doméstico. Da mesma forma, podemos observar a sensação de estarem sob vigilância por algo. Temos, assim, acesso ao que ocorre após o toque do telefone (Excerto 2).

Gustavo estava em vias de levar, com a mão esquerda, um pedaço de polenta à boca, já aberta. No entanto, ele suspende essa ação. Gustavo fecha a boca e retorna a polenta ao seu prato (linha 6b-7c). A sua expressão facial se altera (:|, linha 6c): ele franze as sobrancelhas, recolhendo o sorriso esboçado anteriormente. No turno seguinte, Felícia vira a cabeça na direção de Gustavo, voltando a ele o seu olhar (linhas 6d-7). Essas ações simultâneas do casal demonstram o momento preciso da expansão do contexto institucional não somente a Gustavo, mas, relacionalmente, também à sua cônjuge.

Excerto 2: O drone

```
[CC_felicia_gustavo_24_05_2020_I_ligaçãotrab_odrone]
((celular tocando))
6      ❖ ❖ (0,2) ❖ ❖ (0,3) ◆ ◆ (0,5)
a      gus      ❖-o. p baixo-->1.7b
b      gus      ❖abre fecha boca❖ ❖-retorna pol. prato-->1.7c
c      gus      >>--:|->>
d      fel      >>-----olha p TV----->◆ ◆-olha p GUS->1.7
7      FEL     # ◆ hhhhhh❖ ❖ Ó ↓o drone hahaha❖◆
a      ◆-----:D-----◆
b      gus      -->❖
c      gus      -->❖ ❖-lev. do sofá-->>
Ima    #Figura 7
```

Figura 7 – Gustavo retorna a polenta ao prato e Felícia orienta-se (cabeça e olhar) a ele



8 ❖ (1, 3)
a fel ❖-orient. p TV-->>

Felícia produz um riso expirado (*hhhhhh*) e realiza um comentário que pode ser entendido como irônico (*Ô o drone*), seguido de risos (*hahahaha*) (linha 7; Excerto 2). Ela usa o marcador “ô”, forma abreviada do verbo “olhar” no imperativo, usado como uma interjeição vocativa mobilizadora do interlocutor. Além disso, nesse comentário, ela utiliza a metáfora “o drone”. Nos estudos da AC, as metáforas usualmente são invocadas pelas partes com a finalidade de gerar um entendimento conjunto sobre uma determinada circunstância. (SCHEGLOFF, 1992).

Além disso, o uso do artigo definido “o” antes da palavra drone, aponta reconhecimento compartilhado do referente. Observa-se que o toque de celular parece ser algo recorrente nos momentos em que o casal está fazendo algo junto em seu lar nos momentos de descanso. É como se alguém estivesse manipulando um drone e vigia-os integralmente. O drone invade seu momento doméstico, obriga Gustavo a suspender suas ações cotidianas e privadas e a retornar precocemente ao ambiente institucional. Portanto, o reconhecimento da metáfora do drone é intersubjetivo aos/às participantes.

Felícia afilia-se à ação de Gustavo, demonstrando empatia pela situação. (STEENSIG, 2012). Sua risada ao final de seu turno (*hahahaha*) (linha 7; Excerto 2) expõe sua percepção da situação como problemática e não desejável e qualifica o comentário como de natureza lúdica, talvez até irônica. Além disso, no nível afetivo, é um convite para o riso de Gustavo, ainda que ele não se oriente a ela (linhas 7b-8; Excerto 2). Em vez disso, Gustavo inicia o trajeto de levantar-se do sofá e ir ao encontro do toque do telefone para providenciar a segunda parte do par adjacente (2PP).

4.1.3 “Guerra dos mundos” – Parte I: o institucional vs. o cotidiano

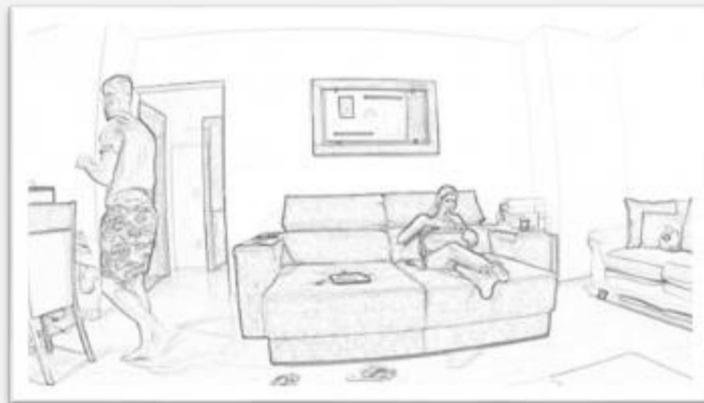
Nesta subseção, mostraremos um momento interacional em que os domínios doméstico e institucional expandem-se e retraem-se temporalmente, de forma a dominarem ou não o contexto interacional (Excerto 3).

Felícia se oferece (linhas 9 e 10; Excerto 3) para diminuir o volume da televisão por meio de uma pergunta candidata com o formato negativo (não ↑quer >>que eu diminue<< o volume ↑a↓mor) e, pela sua oferta e movimentos da cabeça para os dois lados, parece estar à procura do controle remoto (Excerto 3; linhas 9-10). A oferta de Felícia em formato negativo (i.e., “não quer que x”) indica a preferência por uma resposta negativa (POMERANTZ; HERITAGE, 2013) – afinal de contas, baixar o volume da televisão requer que ela encontre o controle remoto e lide com a almofada e o prato que estão sobre o seu colo (Figura 8).

Excerto 3: O volume

```
[CC_felicia_gustavo_24_05_2020_I_ligaçãotrab_ovolume]
((celular tocando))
9 FEL ◆ não ↑quer >>que eu diminue<< o volume
a ◆-mov. cabeça e o. p 2 lados-->1.11a
10 ↑a↓mor ❖
a gus >>-lev.-❖
11 ❖ (0,9) ◆
a fel -->◆
b ❖-cam. ed mesa->1.12b
12 GUS #◆ °>>não precisa<<°❖◆
a fel ◆-----o. p GUS-----◆
b gus -->❖
Ima #Figura 8
```

Figura 8 – Gustavo direciona-se ao chamado do “contexto institucional” e Felícia busca o controle remoto enquanto lida com seu prato de comida

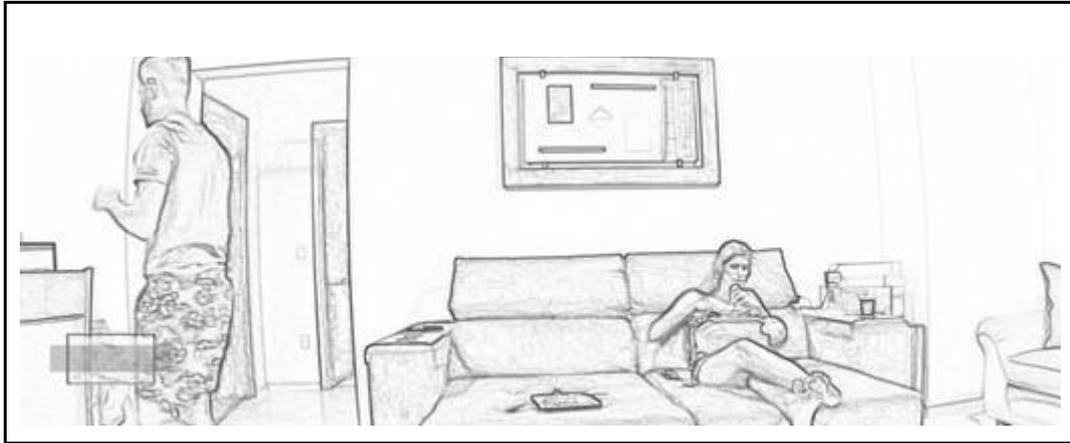


```

a fel ◆-o. p TV-->>
b gus ❖-senta e seg.cel.❖
14 GUS °°>>edeí<<°° gusta↑vo
((celular para de tocar))

```

Figura 9 – Ampliação da #Figura 8. Captura de vídeo do Excerto 3



Fonte: Arquivo pessoal. Modificada pela autora.

Decorrido 0,9 segundo da oferta de Felícia, Gustavo se levanta e caminha em direção à mesa, orientando-se ao computador (linha 11b; Excerto 3). Em seguida (linha 12; Excerto 3), ele se alinha e se afilia ao turno de Felícia, dispensando a oferta (°>>não precisa<<°). Ocorre alinhamento, pois ao declinar a oferta, ele se solidariza com Felícia, uma vez que ela se mobilizou em ajudá-lo, mesmo tendo que lidar com o prato de comida sobre o colo (Figuras 8 e 9). Não há a necessidade de ela parar o que está fazendo e diminuir o volume da televisão.

Feito isso, após 3,1 segundos de ausência de fala, Felícia reorienta-se à televisão e à comida (linha 13a; Excerto 3). Gustavo senta-se com a postura ereta em sua escrivaninha (linha 13b; Excerto 3) e, concomitantemente, segura, olha e atende ao celular (linha 14; Excerto 3), promovendo a segunda parte do par adjacente (2PP) da convocação (linha 4; Excerto 1). A saudação inicial é formal (°°>>edeí<<°° gusta↑vo) (linha 14).

4.1.4 O retorno ao doméstico

Nesta subseção, mostraremos um momento interacional em que há o retorno ao domínio doméstico, assim como os impactos gerados pelos momentos de dominância institucional (Excerto 4).

Gustavo encerra a ligação (↑beleza ↓então (.) por nada >tchau<) (Excerto 4; linha 36). Durante 4,2 segundos de ausência de fala, ele se levanta da cadeira e se dirige ao sofá (linhas 37c-39b; Excerto 4). Felícia, que até então estava olhando para a TV, ainda mastigando,

orienta-se a ele, voltando a sua cabeça à direita, direcionando-lhe o olhar (linhas 37a; Excerto 4). Ela faz uma expressão facial tipicamente relacionada à dúvida (linhas 37b-39a; Excerto 4) e, na forma negativa, realiza um pedido de confirmação (*não era con↑ti↓go*) (linha 38; Excerto 4). Nesse caso, o formato da pergunta de Felícia (pergunta polar) solicita sim ou não do interagente. Dessa forma, a esposa estava orientada para, além do jantar e da televisão, a ligação telefônica institucional. A companheira ouve um lado da interação, que, na vida sem pandemia, possivelmente não ouviria porque cada um estaria em seu local de trabalho.

Excerto 4: O contato

```
[CC_felicia_gustavo_24_05_2020_I_ligaçãootrab_ocontato]
36 GUS      ↑beleza ↓então (.) por nada >tchau<
37          ❖ (4,2) ❖      ◆ ❖ (1,4)◆ (1,1)
a fel          ◆-o.p GUS-->l.40a
b fel          ◆-cerra olhos-->l.39a
c gus          ❖desl.cel❖      ❖-caminha ed sofá-->l.39b
38 FEL      {mastigando} não era con↑ti↓go}
39          (0,7) ◆ ❖
a fel          -->◆
b gus          -->❖
40 GUS      ❖>contato< ◆ °°xxx°°
a fel          -->◆-o. p TV-->>
b gus          ❖-senta sofá-->>
41          (3,4)
42 GUS      HHhhh
43          #❖ (7,8)          ❖ ❖ (1,0) ❖
a gus          ❖leva pol. p boca❖ ❖morde pol.❖
Ima          #Figura 10
```

Figura 10 – Felícia e Gustavo orientados à comida e à televisão



Decorrido 0,7 segundo de ausência de fala, Gustavo responde ao pedido de confirmação da pergunta polar de Felícia de maneira não conformativa (>contato<) e senta-se no sofá (linha 40; Excerto 4). Há um não engajamento por parte de Gustavo com a continuidade do assunto, caracterizando uma resposta transformativa. Em termos de AC, as respostas transformativas

são utilizadas por respondentes quando identificam problemas com a pergunta e propõem uma alteração de agenda. (STIVERS; HAYASHI, 2010). Assim, a resposta evasiva transforma o foco do/a interlocutor/a, provendo menor cooperação, e maior resistência e desafiliação entre as partes. (STIVERS; HAYASHI, 2010). Gustavo demonstra que não há relevância condicional para continuar no contexto institucional. Ele provê uma resposta evasiva para que a agenda e o foco da interação sejam outros.

Na continuidade, Gustavo produz uma expiração audível (HHhhh), provavelmente atrelada ao seu cansaço pela situação (linha 42; Excerto 4). Ao final da interação, Gustavo já sentado no sofá, com o seu prato de comida na mesma posição que estava antes do chamado institucional, retorna, agora com êxito, ao mesmo pedaço de polenta que abandonara para atender à ligação (linha 43; Figura 10; Figura 11; Excerto 4). Ao fazer isso, retoma estritamente às atividades domésticas interrompidas ao ser convocado a uma atividade institucional.

Figura 11 – Ampliação da # Figura 10. Captura de vídeo do Excerto 4



Fonte: Arquivo pessoal. Editada pela autora.

4.1.5 Ufa! (quando o chamado não é institucional)

Nesta subseção (Excerto 5), o casal continua assistindo à televisão. Felícia, como já terminou de jantar, não tem mais a almofada nem o prato sobre o colo. Gustavo está finalizando a sua refeição interrompida anteriormente, quando seu celular toca novamente (linha 1, Excerto 5). Analisando as condutas verbais e corporificadas do casal, percebemos novamente o gatilho do toque do telefone afetando os ânimos do casal. Porém, neste momento, o chamado não é institucional. Aqui, temos acesso às ações de Gustavo e Felícia que mostram o sentimento de alívio que o casal expressa quando Gustavo segura o telefone para atendê-lo e percebe que quem está ligando é o seu avô.

Excerto 5: Ufa

```
[CC_felicia_gustavo_24_05_2020_II_ligaçãofam_ufa]
1      ((celular de GUS toca))
2      (1,1) #◆(0,7)◆❖
a      fel      >>---o.p TV----◆
b      fel      ◆-proj. c MD soco no ar->l.3b
c      gus      >>-term. comer--❖
      Ima      #Figura 12
```

Figura 12 – Felícia projeta movimento de soco no ar e Gustavo termina de comer



```
3      FEL      ◆ ❖ ❖ #↑filhos da mãe◆❖ h❖hhh ❖
a      ◆-o.p GUS--->l.5
b      --->◆
c      gus      ❖-o.p celular-----❖ ❖-o.p baixo-->l.5
d      gus      ❖-----cruza as mãos-----❖
      Ima      #Figura 13
```

Figura 13 – Gustavo, com as mãos cruzadas, olha para celular e Felícia, para o marido



```
4      (.)
5      FEL      ◆ ❖ >você< ↑quase consegui ❖ amor.◆
a      ◆-----tapinhas perna GUS-----◆
b      gus      ❖--descruza as mãos-----❖
6      ◆ ❖ ❖ (2,7)
a      fel      ◆-o.p TV-->l.7a
b      gus      ❖-o.p celular-->>
```


vô) (linha 7). (HERITAGE, 1984). Após uma micropausa, ele avalia positivamente a situação, com uma expressão de alívio (*u f a*) (linha 7). Em contraste com os Excertos 2 e 3, Gustavo não se senta na cadeira. Isto é, suas ações corporificadas, bem como a sua localização espacial, indicam a continuidade no contexto cotidiano. Ao se orientar à Felícia, ele angaria a afiliação e o alinhamento da companheira. Ela sobrepõe seu turno ao de Gustavo com a mesma partícula de mudança de atenção (*[a] (.)*) (linha 8), seguida de risos (*haha hhh*), confirmando a informação como verídica (Figura 14).

4.2 QUANDO A VIDA DOMÉSTICA RETRAI A VIDA INSTITUCIONAL

Nesta seção, são analisadas as alterações de contextos interacionais em que o contexto da vida doméstica expande-se, retraindo o contexto institucional. Dessa forma, examina-se como as participantes da interação engajam-se (ou não) para lidarem com as multiatividades simultâneas que surgem nesses momentos e que afetam as configurações interacionais.

O espaço físico interacional da casa de Francine e de Augusta é composto por sala de estar, sala de jantar, cozinha e banheiro (Figura 15). Nas interações, Francine está trabalhando com o seu computador pessoal (*pcFRA*), que está posicionado sobre a mesa da sala de estar / jantar. O computador pessoal de Augusta (*pcAUG*) está colocado em cima de uma cadeira, atrás de Francine (Figuras 15 e 16).

Figura 15 – Planta aproximada e simplificada da configuração espacial onde ocorreram as interações entre Francine e Augusta. Não em escala.



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 16 – Representação visual parcial da configuração espacial da interação entre Francine e Augusta



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Cada uma das subseções explora uma sequência de ações interacionais realizadas pela mãe, Francine (FRA), e pela filha, Augusta (AUG), assim como o engajamento das duas frente a atividades interacionais com outros/as participantes: remotos e presenciais (neste último caso, um cachorro). Augusta, uma criança de seis anos, terá festa junina em sua escola, na modalidade on-line. A mãe é responsável pelo preparo de uma comida típica: a pipoca. Enquanto isso, Francine está conduzindo uma atividade on-line do grupo de pesquisa que coordena.

4.2.1 Dois minutinhos: vida doméstica que chama

Nesta subseção, mostraremos como Francine (re)age em uma situação em que há domínio da vida institucional e como reage frente ao convite de expansão do domínio da vida doméstica e particular (Excerto 6).

A interação inicia-se com Francine saudando a sua equipe em um momento institucional de reunião on-line síncrona (*tudo bem, com todo mun↑do*) (linha 1; Excerto 6). Durante a saudação (linha 1; Excerto 6), seu olhar desvia da tela e se direciona para a direita (linhas 1a-2a; Excerto 6). Isso ocorre devido ao som vindo da cozinha (i.e., pipocas estourando), localizada no espaço de Francine. O desvio do olhar de Francine da tela para a cozinha demonstra a sua orientação para outra atividade também em andamento.

Excerto 6: Dois minutinhos

[CC_francine_augusta_18_06_2021_20210618]

```

((barulho de pipocas estourando))
1  FRA  tudo bem, com todo mun↑do
a                                     ▲-o. p coz.-->1.2a
2      (0,4)▲ (4,4)▲(2,4)
a  fra  -->▲      ▲-o.p canto inf. dir. tela-->1.3a
3  FRA  é::: eu vou pedir só dois min▲utinhos
a                                     -->▲
4  FRA  enquanto o pessoal tá chegando ainda- (.)
5  FRA  somos seis ∇aqui ↑né
a  aug  ∇-cam. ed FRA-->1.8a
6  FRA  (1,0)
7  FRA  só tô organizando aqui uma::
8      (0,9)∇
a  aug  -->∇-para ao lado FRA-->>
9  FRA  ▲a aula da-▲#colocar a augusta na aula▲
a      ▲move torso▲-----aponta p pcAUG-----▲
      Ima      #Figura 17
Figura 17 – Francine aponta para o computador de Augusta

10     (1,1)
11  FRA  e já tô- e #∇já apareço aqui (.)
12  FRA  mas aí tô ouvi:ndo: vocês ↑tá
13     (5,1)∇ ▲ (3,5)
a  fra  ▲-lev.cam.ed coz-->>

```

Francine solicita, à sua equipe, permissão para se ausentar por “dois minutinhos” (é::: eu vou pedir só dois minutinhos enquanto o pessoal tá chegando ainda-) (linhas 3 e 4; Excerto 6) para que ela possa organizar sua filha para a aula. Essa solicitação é feita a partir de duas prestações de contas: a reunião ainda não ter começado, pois há apenas seis participantes já conectados/as (somos seis aqui ↑né) (linha 5; Excerto 6), e os preparativos para a aula de Augusta (linhas 7 a 9; Excerto 6). Indiretamente, endossando as prestações de contas de Francine, Augusta caminha em direção à mãe (linhas 5a-8a; Excerto 6).

No momento em que Augusta aparece e para ao lado de Francine, subentende-se que os/as participantes da reunião estão tendo acesso visual a ela. Quando isso ocorre, Francine realiza um autorreparo (só tô organizando aqui uma::- (0,9) a aula da-colocar a augusta na aula) (linhas 7 a 9; Excerto 6), mencionando o nome de Augusta aos/às

participantes do grupo de pesquisa. Corporificadamente, Francine move sutilmente o torso em direção à filha, incluindo Augusta como interagente na reunião, o que, nos termos da AC, caracteriza uma modificação na formação F (KENDON, 1990) (linha 9a; Excerto 6). Francine então aponta com o seu polegar da mão direita para o computador que Augusta utilizará para a sua aula (pcAUG) (linha 9a; Figura 18; Excerto 6), que está localizado atrás de Francine, adicionando uma nova justificativa para a sua prestação de contas ao contexto institucional. Antes da saída de Francine da formação F (KENDON, 1990), ela anuncia que logo retornará à reunião (i.e., ao mundo do trabalho naquele momento – à tela do computador e ao olhar dos/as participantes representado fisicamente pela câmera), mas continuará atenta à conversa (e já tô- e já apareço aqui (.) mas aí tô ouvi:ndo: vocês ↑tá) (linhas 11 e 12; Excerto 6).

Observa-se que Francine está engajada na realização de múltiplas atividades, tanto em um contexto institucional (i.e., reunião do grupo de pesquisa) quanto no doméstico (i.e., mãe que auxilia a filha em seu preparo para a escola, nesse caso, outro contexto institucional ainda). As justificativas realizadas por Francine para conseguir atender a demandas domésticas demonstram a necessidade de, no contexto de encontros virtuais, narrarmos o que estamos fazendo no espaço doméstico, uma vez que os/as demais participantes (i.e., remotos/as) só têm acesso visual ao que está disponível em suas telas a partir do que é captado pela *webcam* de cada participante.

4.2.2 A telinha: trabalho que vigia o cotidiano

Nesta subseção (Excerto 7), mostraremos como Francine e Augusta comportam-se em uma situação de transição entre o domínio da vida doméstica e o da vida institucional. Neste excerto, o domínio doméstico se expande, mas não anula o domínio institucional.

As pipocas continuam estourando na cozinha (Excerto 7). Augusta, em pé, de forma acelerada, direciona-se ao computador de Francine e clica no *touchpad* (linha 14a e Figura 18; Excerto 7). Após o clique, Augusta faz uma saudação (o:i: :) direcionada aos/às participantes da reunião, olhando para a tela do computador (pcFRA) (linha 15; Excerto 7). Simultaneamente, Francine caminha sorrindo em direção ao computador e à Augusta (linhas 15a até 17a; Excerto 7) e faz uma intervenção com volume baixo para a menina (°nãõ guta (.) agora [nãõ tá] °) (linha 17 e Figura 19; Excerto 7). Em sobreposição ao “nãõ tá”, Augusta aponta para a tela do computador, fazendo uma avaliação ([>gostei des<]se negócio) (linhas 18-19; Excerto 7). Francine, com um movimento corporificado de vaivém (linhas 18b até 20a e Figura

21 e Figura 22; Excerto 7), orienta-se ao ponto da tela para onde Augusta está apontando e, novamente, sai em direção à cozinha (linha 20a; Excerto 7).

Excerto 7: A telinha

```
[CC_francine_augusta_18_06_2021_20210618]
((pipocas continuam estourando ao fundo))
14      #▽      (5,4)      ▽
a      aug      ▽clica touchpad pcFRA▽
      Ima      #Figura 18
```

Figura 18 – Augusta clica no *touchpad* do computador



```
15      AUG      ▲ o:i::
a      fra      ▲-cam. sorrindo ed pcFRA-->1.17a
16      (1,7)
17      FRA      #° não guta ▲ (.) agora [não tá]°
a      -->▲
      Ima      #Figura 19
```

Figura 19 – Francine caminha em direção à Augusta e a seu computador



```
18      AUG      #▲▽[>gostei #des<]se
a      ▽-aponta p tela->1.20b
b      fra      ▲-mov. vai e vem->1.20a
      Ima      #Figura 20 #Figura 21
```

Figura 20 – Francine realiza movimento de vaivém e Augusta aponta em direção à tela do computador – parte 1



Figura 21 - Francine realiza movimento de vaivém e Augusta aponta em direção à tela do computador – parte 2



19 AUG negócio
 20 (0,7)▲ ▲ (2,0) ▽ ▲#▽ (12,3)
 a fra -->▲ ▲-cam.p coz-▲
 b aug -->▽ #▽-senta cadeira FRA-->>
 ((pipocas param de
 estourar))
 Ima #Figura 22

Figura 22 – Augusta senta-se na cadeira até então usada por Francine



21 AUG mãe! eu vou ter que abri:r a te:li:nha=
 22 FRA =NÃO(.)NÃO ABRE A TELA não
 23 (.)
 24 AUG #▽é só pra eu fazer isso ó
 a ▽-acena p FRA->1.26a

Ima #Figura 23

Figura 23 –Augusta acena para Francine



25 (.)
 26 FRA °augu:sta°▽
 a aug -->▽
 27 (0,9)
 28 FRA ▲não (.) não pode
 a ▲--cam. ed pcFRA-->1.30a
 29 (0,8)
 30 FRA não abre▲ # (.)↑tá
 a -->▲-rotaciona corpo e o. p chão-->1.34a
 Ima #Figura 24

Figura 24 - Francine aproxima-se de Augusta para verificar se o vídeo não está aberto e reiterar que Augusta não o abra



31 (0,9)
 32 AUG ▽e o micro▽[fone mã:::-]
 a ▽relaxa ombros▽
 33 FRA ▽[>°o que que caiu no chão.°<]
 a aug ▽rotaciona corpo e inclina-se-->>
 34 (2,0)▲
 a fra -->▲
 35 AUG °uma moedinha. foi isso°

Subsequentemente, Augusta senta-se na cadeira de Francine (linha 20b e Figura 22). No mesmo momento, as pipocas param de estourar, sugerindo que Francine está encerrando a atividade de preparo do alimento. Em seguida, Augusta informa a necessidade de abrir a telinha (mãe! eu vou ter que abri:r a te:li:nha=) (linha 21; Excerto 7). Francine, em fala

colada à de Augusta, usando do imperativo e de volume mais alto, intervém (=NÃO (.) NÃO ABRE A TELA não) (linha 22; Excerto 7). Então, Augusta presta contas à sua mãe, explicando e demonstrando com um aceno que, na verdade, gostaria apenas (i.e., “só”) de saudar a equipe de Francine presente na reunião (é só pra eu fazer isso ó) (linhas 24 e 24a-26a; Figura 23; Excerto 7). No entanto, chamando Augusta enfaticamente, Francine não se alinha ao desejo da filha (°augu:sta° (0,9) não (.) não pode) (linhas 26 a 28; Excerto 7). Em seguida, Francine enfatiza seu não alinhamento e sua não afiliação à proposta de Augusta (não abre (.) ↑tá) (linha 30; Excerto 7). Enquanto Francine reitera sua negação, ela aparece novamente na tela para os/as interagentes de modo a confirmar se a tela não fora habilitada pela filha (linhas 28a; Figura 24; Excerto 7).

Francine orienta-se a algo que caíra no chão, rotacionando seu corpo e sua cabeça na procura do objeto (linha 30a-34a; Excerto 7). Augusta então transforma sua necessidade anterior (linhas 24-24a; Excerto 7) em solicitação, adicionando uma nova possibilidade (e o micro ▽ [fone mã:::-]) (linha 32; Excerto 7) de maneira simultânea a um relaxamento dos ombros (linha 32a). Porém, não há engajamento por parte de Francine, que permanece procurando o objeto. Ela verbaliza uma transformação no curso da interação, convidando a filha na busca de um objeto que havia caído no chão ([>°o que que caiu no chão.<]) (linha 33; Excerto 7). Augusta rotaciona seu corpo e inclina-se em direção ao chão, aceitando o convite da mãe (linha 33a; Excerto 7). A filha encontra o objeto com uma afirmação (°uma moedinha. foi isso°) (linha 35; Excerto 7).

4.2.3 Aquele olhar

Nesta subseção, observaremos como ocorrem as expansões e retrações de domínios. A negação de expansão de domínio doméstico ocorre de maneira corporificada, pelo movimento do torso e direcionamento do olhar (Excerto 8).

Decorridos 32 segundos após o Excerto 7, Francine, já sentada, informa à equipe que está de volta (pronto gente (.) voltei.) (linha 1; Excerto 8). Ela faz uma saudação a um dos interagentes (>oi< spicer) (linha 3; Excerto 8) e, nesse mesmo momento, Augusta corre em sua direção, posicionando-se ao seu lado, em frente à tela (linha 3a e 4a; Excerto 8), parecendo, assim, buscar ser “vista” pelos/as participantes da reunião. No momento em que Francine inicia a formalização da abertura do encontro (é: (.) eu vou aprov==) (linha 5; Excerto 8), ela é interrompida por uma saudação vinda de Augusta (=o::i:), direcionada aos/às participantes da reunião (linha 6; Excerto 8). Como resultado, Francine, vira a cabeça, direciona

um olhar repreensivo à filha e brevemente projeta seu tronco em direção a ela (linha 7a; Figura 25; Excerto 8). Augusta, olhando para tela, afasta-se (linha 7b até 8a; Excerto 8). Francine, por sua vez, retorna à sua formação institucional, dirigindo-se à tela, retomando o que fora interrompido (eu vou aproveitar só esse comecinho [enquanto o pessoal tá chegando]) (linhas 8-9; Excerto 8). Em resposta, Augusta afasta-se da tela e da mãe (Figura 26). Francine, na sequência, continua provendo as orientações iniciais da reunião (é::: pra gente ver umas coisas práticas) (linha 12; Excerto 8).

Excerto 8: Aquele olhar

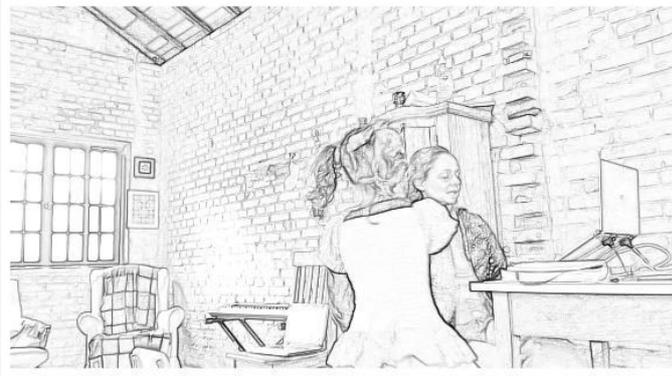
```
[CC_francine_augusta_18_06_2021_20210618]
      ((pipocas continuam estourando na cozinha))
1   FRA   pronto ge:nte (.) voltei.
2           (1,7)
3   FRA   ▽>oi< spicer
a   aug   ▽-corre ed pcFRA->1.4a
4           (1,0) ▽ (0,8)
a   aug   -->▽
5   FRA   é: (.) eu vou aprov-=
6   AUG   =o::i:
7           #▲ (1,0) ▽ (1,0)▲
a   fra   #▲--o. p AUG-----▲
b   aug   ▽-afasta-se de FRA->1.8a
      Ima   #Figura 25
```

Figura 25 - Francine olha e projeta o seu torso à Augusta, após a filha tê-la interrompido para saudar a equipe



```
8   FRA   eu vou aprov#eitar só esse▽ comecinho
a   aug   -->▽
      Ima   #Figura 26
```

Figura 26 – Augusta afasta-se de Francine



9 FRA [enquanto o pessoal tá chega:ndo]
 10 AUG [°°{estala a língua}°°]
 11 (1,0)
 12 FRA ▽ é::: pra gente ver umas coisas práticas
 a aug ▽-corre ed porta-->>

4.2.4 “Guerra dos mundos” – Parte II: o cotidiano vs. o institucional

Nesta seção, mostraremos um momento interacional em que os domínios doméstico e institucional expandem-se e retraem-se temporalmente, de forma a dominarem o contexto interacional (Excerto 9).

A interação inicia-se com Francine olhando para a tela em silêncio, enquanto seus/suas orientandos/as interagem entre si. Em seguida, ela olha para Augusta (linha 1a e 2a; Excerto 9), que caminha em sua direção segurando a bacia de pipocas (linha 2c; Excerto 9). Com o volume mais baixo, Francine inicia verbalmente uma ordem dirigida à filha (°não é pa-°) (linha 2; Excerto 9), que é sustentada pelo seu movimento corporal (linha 2b; Figura 27; Excerto 9) de virar-se em direção à menina e estender as mãos à bacia (linha 2b). A ordem é para que a filha não coma as pipocas antes de começar a aula. Essa ação é, como consequência, suspensa pela contingência interacional de orientar-se à reunião que se interpõe, direcionando seu olhar e seu corpo para a tela do computador (linha 3a-11b; Excerto 9).

Excerto 9: Pipoca

```
[CC_francine_augusta_18_06_2021_20210618]
1      ▲ (1,8)
a      fra      ▲-o. p AUG-->1.2a
2      FRA      #▽▲°não é pa-°▲      ▲
a      -->▲
b      ▲vira e est.mãos p bacia▲
c      aug      ▽-cam. e para lado FRA--> 1.4a
      Ima      #Figura 27
```

Figura 27 - Augusta direciona-se à Francine, segurando a bacia de pipocas e Francine vira-se e estende suas mãos à bacia



```

3      ▲ (0,9) ▲ (1,8) ▲
a      fra ▲-o. p tela pcFRA--> 1.11b
b      ▲clica touchpad▲
4      FRA  você pode abrir uma jane:la.▽
a      aug -->▽
5      (1,3)
6      FRA  ou a tela inteira (.)
        ((linhas omitidas))
10     PC   pronto ▲ (.) entendi (.) brigada
a      fra ▲-clica touchpad-->1.11b
11     #▽ (1,1) ▲ (1,3)
a      aug ▽-acena p tela->1.12a
b      fra -->▲
      Ima #Figura 28

```

Figura 28 – Augusta acena para a tela e Francine clica no *touchpad* do computador



```

12     FRA  ▲guta: #>a pipo▽ca ▽é ▲pra dep-|▲
a      aug -->▽ ▽-esq e seg bacia-->1.14a
b      fra ▲----olha p bacia-----▲
c      fra ▲-disp bacia-->1.14b
d      cac |--pula-->
      Ima #Figura 29

```

Figura 29 – Francine direciona seu corpo e seu olhar à bacia de pipocas



13 FRA ▲é pra hora da aula a pip-#▲|
 a fra ▲-----arregala olhos-----▲
 b cac -->|
 Ima #Figura 30

Figura 30 – Augusta e Francine disputam a bacia de pipocas



14 FRA ▲é pra hora da aula ▽a pipoca<(.)▲
 a aug -->▽
 b fra -->▲
 c fra ▲-o. p bacia-->1.15b
 15 FRA ▲é pra festa# ▽junina▲
 a ▲-coloca bacia lado pcFRA-->1.16a
 b -->▲
 c aug ▽--acena p tela-->>
 Ima #Figura 31

Figura 31 – Francine coloca a bacia de pipocas à sua esquerda, enquanto Augusta acena para os/as participantes da reunião



16 FRA ▲ (0,7) ▲ ▲ (1,8)
 a fra -->▲
 b fra ▲-o. p tela-▲

Francine clica no *touchpad* e instrui uma de suas orientandas, oferecendo duas possibilidades sobre o compartilhamento da apresentação (você pode abrir uma jane:la. (1,3) o:u: a tela inteira) (linhas 4-6; Excerto 9). Após receber a confirmação de entendimento (pronto (.) entendi (.) brigada) (linha 10; Excerto 9), Francine clica em seu *touchpad* novamente (linhas 10a até 11b; Excerto 9). Durante essas ações, Augusta está parada a seu lado, segurando o recipiente com pipocas enquanto as come. O olhar de Augusta está orientado à tela do computador. Enquanto a mãe finaliza o clique, a menina acena para a tela (linhas 11a até 12a; Figura 28; Excerto 9).

Então, Francine orienta-se à bacia de pipocas. Essa conduta é perceptível pelo seu movimento corporal e direcionamento do olhar (linhas 12b e 12c; Figura 29). Ela adverte a filha (guta: >a pipoca é pra dep- é pra hora da aula a pip-é pra hora da aula a pipoca<(.)) (linhas 12 e 13; Excerto 9), o que justifica a sua ação de retirar a bacia de pipocas das mãos da menina. Enquanto Augusta é advertida, ela esquiva-se em posse da bacia, na tentativa de sair do alcance da mãe (linhas 12a e 14a; Excerto 9). Porém, Francine, após uma breve disputa, consegue acessá-la (linhas 12c e 14b; Figura 30). Durante a disputa, temos, em acréscimo, acesso visual ao cachorro, que pula em direção à bacia (linha 12d-13b; Figura 30).

Francine arregala os olhos (linha 13a; Excerto 9), dirige suas mãos rapidamente ao recipiente, segurando-o e reposicionando-o a seu lado esquerdo para que Augusta não tenha acesso às pipocas antes da aula (linhas 15a e 16a; Excerto 9). Ao longo dessas condutas corporificadas, Francine, com a fala acelerada (linhas 12, 13, 14; Excerto 9), não somente adverte Augusta, mas também presta contas de sua ação de disputar a bacia. O recurso de fala acelerada sugere uma urgência frente à situação. Francine precisa lidar com a situação do

âmbito doméstico antes de que a sua presença seja demandada no contexto institucional. Enquanto Francine lida com a bacia, Augusta, com as mãos vazias, acena para a tela (linha 15c; Figura 31; Excerto 9).

O aceno, nesse caso, é a oportunidade que Augusta buscava desde o início, porém, como podemos observar, suas tentativas foram frustradas. Assim, a menina se aproveita do momento em que a mãe precisa lidar com a bacia, aproximando-se fisicamente de sua mãe e reposicionando-se bem próxima à tela, para incluir-se novamente na formação F institucional (KENDON, 1990).

4.2.5 O retorno do doméstico ao institucional

Nesta subseção, a partir da análise das condutas verbais e corporificadas de Francine, percebemos um gatilho e novo convite. Entretanto, nesse momento, a expansão de domínio é institucional (Excerto 10).

No início da interação, durante ausência de fala de 2,1 segundos, Francine clica no *touchpad* (linha 1a; Excerto 10) e indaga Augusta, pedindo-lhe uma informação (>vo<cê bebeu ↑á↓gua) (linha 2; Excerto 10). No turno seguinte, Francine ordena que ela “faça xixi” antes da aula (faz xixi antes da aula) (linha 4; Excerto 10). Francine reproduz a ordem desviando o seu olhar da tela e direcionando-o à filha (linha 2a até 6a; Excerto 10). Nesse momento, Augusta acena para a tela (i.e., para a equipe de Francine) (linha 4a; Figura 32; Excerto 10). Como Augusta não se alinha ao diretivo, Francine reitera a ordem anterior (faz xixi) (>vai lá ó<) (linhas 5 e 6; Excerto 10) e indica, com o olhar, para onde Augusta deve ir (i.e., banheiro) (linha 6a; Figura 33).

Corporificadamente, a menina resiste, não se alinhando à mãe. (linhas 7 e 7a; Figura 34). Na sequência interacional, a ordem de “fazer xixi” é repetida pela mãe mais duas vezes (faz xixi) (linha 8; Excerto 10); (filha faz xixi antes da aula senão não vai dar certo) (linhas 10 e 11; Excerto 10). Finalmente, Augusta, com volume muito baixo, consente (°°tá°°) (linha 12; Excerto 10).

Excerto 10: Tava ou não tava

```
[CC_francine_augusta_18_06_2021_20210618]
1          ▲      (2,1)      ▲
a   fra      ▲clica touchpad▲
2   FRA      >vo<▲cê bebeu ↑á↓gua (.)
```

a ▲-o. p AUG-->1.6a
3 (.)
4 **FRA** #▽faz xixi antes▽ da aula (.)
a aug ▽--acena p tela-▽
 Ima #Figura 32

Figura 32 – Francine direciona olhar para Augusta e a filha acena para a tela do computador da mãe



5 **FRA** faz xixi
6 **FRA** #▲>vai lá ó< ▲
a ->▲o. p banheiro▲
 Ima #Figura 33

Figura 33 – Francine direciona seu olhar ao banheiro



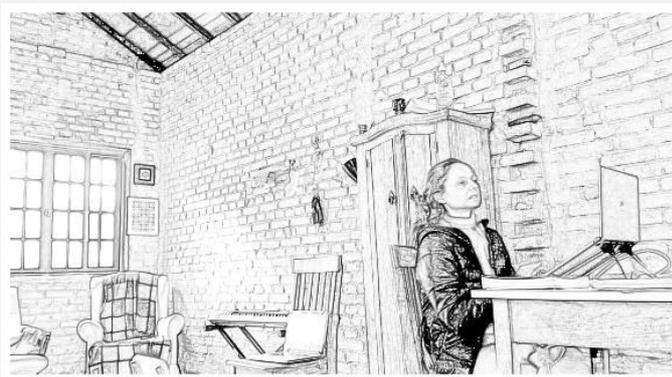
7 **AUG** ▽▲eu quero ver a t#a:::i▽
a ▽--posiciona pos. sentido--▽
b fra ▲---o. p tela---->1.8a
 Ima #Figura 34

Figura 34 –Augusta posiciona-se com mãos ao lado do corpo, expressando a vontade de ver a orientanda de Francine



8 FRA a tai ∇não tá ali▲ (.)▲ faz xixi
 a -->▲ ▲-o. p AUG->1.11a
 b aug ∇--cam. ed ban.-->>
 9 AUG xixi não
 10 FRA filha faz xixi antes da aula
 11 FRA senão não vai dar ▲certo
 a -->▲
 12 AUG °°tá°°
 13 (21,0)
 14 AUG >>°xxx°<< microfone tá fechado ↑né
 15 (0,9)
 16 AUG ↑né [mã:e]
 17 MIR [eu esque]ci absolutamente [tu:↑do]
 18 AUG [°↑né mã:e°]
 19 AUG #(.)>°que tu é de ▲micro▲fone fe↑cha:do°<
 a fra ▲clica▲o. p AUG-->1.20a
 Ima #Figura 35

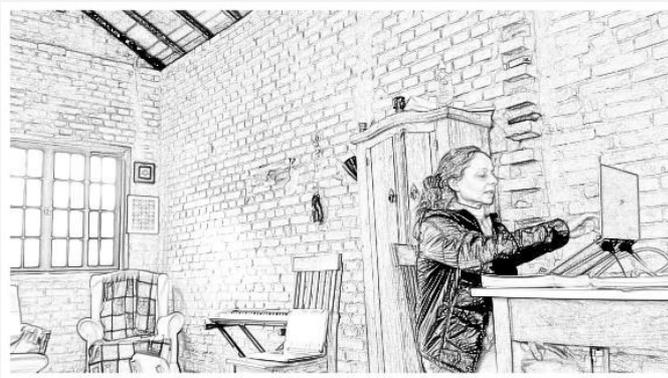
Figura 35 –Francine direciona olhar para Augusta



20 FRA ã ▲
 a -->▲
 21 AUG ▲tu tá de microfone fe↑chado [ou °aberto°]
 a fra ▲--o. p tela-->1.26a
 22 FRA ▲[AGORA DEU] ▲
 a ▲clica touchpad▲
 23 MIR foi.
 24 FRA ▲[FOI]
 a ▲clica touchpad-->

25 MIR [tá]
 26 FRA su-▲SUPER FOI
 a -->▲clica touchpad-->1.28a
 27 (.)
 28 AUG mãe ▲[°>tá de microfone f-fechado
 a fra -->▲--olha p AUG-->1.29a
 29 AUG ou abe:↑rto<°]▲
 a fra -->▲
 30 MIR [>eu sou a miriam eu >>não consigo<<
 31 MIR ver bem mas não tem ▲probl<]ema
 a fra ▲-olha e clica-->1.33a
 32 FRA perai#
 Ima #Figura 36

Figura 36 – Francine clica no botão do computador



33 MIR o texto se chama:-▲
 a fra --botão pcFRA-->▲
 34 FRA ▲QUÊ:
 a ▲-o. p AUG->1.38a
 35 (0,7)
 36 AUG °fe↑chou o micro↑fo|ne°
 37 (1,6)
 38 FRA meu m-▲[°meu microfone▲ tá fecha]do°▲
 a -->▲---o. p tela-----▲o. p fone ouvido▲
 39 AUG [°°>olha o que eu busque:i<°°]
 40 FRA #▲ãhn?
 a ▲-segura fone ouvido->1.45a
 Ima #Figura 37

Figura 37 – Francine orienta-se (gestos e olhar) ao fone de ouvido



41 AUG °hum?°
 42 FRA ▲quê?

A afiliação e o engajamento de Francine com o domínio da vida doméstica ocorrem quando ela clica em um botão específico de seu computador pessoal com o dedo indicador (linhas 31^a-33a; Figura 36) – o botão em questão não é o *touchpad*. Ela pede que Augusta aguarde (*peraí*) (linha 32). Ao finalizar a ação de pressionar o botão, não temos mais acesso à fala de Miriam, orientanda de Francine (linha 33 – interrupção da fala). Nesse momento, Francine, para conseguir atender à demanda da vida doméstica, dispondo de atenção à filha, opta por desativar o som da reunião. Além do *touchpad*, esse botão permite seu acesso ao ambiente doméstico. Sendo assim, é apenas parando de ouvir as demandas do mundo do trabalho que ela consegue focar no mundo privado.

Francine direciona seu olhar à Augusta e realiza um reparo em volume mais alto (*QUÊ:*) (linhas 33). Augusta solicita, em volume baixo, se a mãe desabilitou o microfone (*° fe↑chou o micro↑fo↓ne°*) (linha 36). Após 1,6 segundos de ausência de fala, Francine confirma, em autorreparo, que seu microfone está fechado, demonstrando alinhamento e afiliação à Augusta (*meu m-[°meu microfone tá fecha]do°*) (linha 38). Nesse mesmo momento, Francine direciona seu olhar para a tela e, em seguida, para o fone de ouvido, que está à sua frente, em cima da mesa (linha 38a). Na sequência, em volume muito baixo, Augusta demonstra que deseja mostrar algo à mãe (*[°°>olha o que eu busque:i<°°]*) (linha 39). Francine realiza um reparo (*ãhn?*) (linha 40) e segura o fone de ouvido (linhas 40a até 45a; Figura 37). Augusta repara (*°hum?°*) (linha 41). Francine realiza a mesma ação (*quê?*) com o olhar direcionado à filha (linhas 42, 42a).

Augusta, mais uma vez, solicita uma informação, incluindo uma especificação temporal (*°naquela hora que eu tava aí o microfone tava fe↑cha:↓do°*) (linha 44 e 45). Francine confirma. Contudo, a confirmação é pronunciada com a segunda sílaba rápida e muito baixa (*ta>°°va°°<*), ao mesmo tempo em que Francine olha para a tela (linhas 46-46a). Após 2,4 segundos de ausência de fala, Francine coloca o fone de ouvido (linha 47a; Figura 38). Augusta realiza reparos repetidos se “tava ou não tava” (i.e., microfone aberto no momento em que ela estava próxima à mãe) (linhas 48, 50 e 52). Não há resposta por parte da mãe, demonstrando falta de alinhamento e de afiliação à solicitação da filha. O fone de ouvido faz com que Francine concentre-se apenas na reunião institucional.

5. DISCUSSÃO SOBRE A ANÁLISE INTERACIONAL

A partir dos dados analisados, o propósito deste capítulo consiste em realizar discussões acerca dos fenômenos observados com a finalidade de retomarmos aos objetivos desta pesquisa. Para tanto, vale lembrarmos dos objetivos específicos: (a) identificar o uso que os/as participantes fazem dos recursos materiais e suas relações com o espaço diante das expansões e retrações dos domínios da vida doméstica e da vida institucional; e, (b) identificar as tendências entre ações e recursos interacionais multimodais (i.e., linguísticos, corporificados e materiais) evidenciados, que são mobilizados e gerenciados pelos/as participantes nas interações e que corroboram a expansão e retração dos domínios da vida doméstica e da vida institucional.

A partir dos dados levantados, é necessário ressaltar que os objetivos desta pesquisa não puderam ser respondidos sem uma análise situada e orientada a dados naturalísticos. Dados esses, capazes de mostrar a vida acontecendo, a vida como ela é, além dos métodos empregados pelos/as próprios/as participantes. Isso é apenas possível a partir de uma perspectiva êmica.

5.1 UM OLHAR AOS RECURSOS MATERIAIS E SUA MOBILIZAÇÃO NAS INTERAÇÕES SOCIAIS

Ao longo da análise realizada, pôde-se observar que os recursos materiais e espaciais têm papel fundamental nas ações realizadas pelos/as participantes. Para Felícia e Gustavo, a sala de estar (i.e., sofá + televisão) é possivelmente tida como um centro do domínio doméstico. A mesa de jantar da casa, improvisada como escrivaninha de trabalho de Gustavo devido aos ajustes resultantes do teletrabalho (bem como fora para Marina e Mateus, como descrito no prólogo desta dissertação), parece ser o centro do domínio da vida institucional. Objetos que para Gustavo e Felícia são do domínio ocupacional orbitam esse centro (i.e., a tela do computador com e-mail aberto, o aparelho celular institucional). Quando Gustavo é convidado ao mundo institucional, ele se direciona a este local.

O posicionamento do celular de Gustavo na ecologia interacional demarca que o aparelho estava conectado com atividades profissionais. Há uma intencionalidade do afastamento do objeto e uma autonegociação de sua localização para que atividades da vida doméstica pudessem ser realizadas. A cadeira da “escrivaninha” também tem um papel relevante nessa interação. O momento em que Gustavo senta-se sobre ela é quando atende ao

telefone institucional, inclusive, acionando simultaneamente recursos corporificados demonstrados pela sua postura corporal (i.e., postura ereta).

Percebe-se a importância dos *espaços*, numa perspectiva bastante abrangente da palavra. As interações aqui analisadas acontecem em espaços que não são meramente físicos. Nas interações sociais, há outro espaço em ação. Observamos que os/as participantes, em suas atividades, vão construindo as suas ações e os próprios contextos em que interagem. Dessa forma, há uma visível dicotomia entre o espaço físico e o espaço virtual.

Em relação a objetos nesses espaços e a sua relação com os corpos, há que se retomar, aqui, o fato de que um simples toque de telefone é capaz de “acionar” uma ação responsiva de diferentes corpos – e não apenas um, como observamos o que acontece entre Gustavo e sua parceira Felícia. Na verdade, trata-se do espaço interacional onde esses diversos recursos foram empregados e mobilizados, trazendo implicações para os/as participantes na progressão das atividades. Os/as participantes mobilizam diferentes competências e objetos para construir as suas ações e lidarem com a sequência interacional. O posicionamento corporal dos/as participantes também muda. Esses recursos são perceptíveis pela mudança no semblante de Gustavo, pela forma como ele paralisa seu corpo, mostrando uma mudança no foco da atenção, ou quando o telefone toca pela segunda vez, fazendo com que ele cruze as suas mãos e direcione o seu olhar e o seu corpo para o telefone posicionado sobre a mesa.

Em relação aos recursos materiais e espaciais na interação entre mãe e filha (Excertos 6 a 10), a tela do computador e a “escrivaninha” são um *proxy* do âmbito institucional. A filha Augusta quer cumprimentar os/as interagentes da reunião nos momentos em que se direciona à tela. Nos momentos em que Augusta desfoca, na procura pelo objeto perdido derrubado pela mãe ou no momento em que ela se direciona ao banheiro após a ordem para que “faça xixi” antes da aula, a menina retorna ao contexto da vida doméstica. No entanto, observamos que aparecer em frente à tela não garante que os/as interagentes tenham acesso visual e/ou sonoro a ela. As chaves para o ambiente institucional encontram-se nas pontas dos dedos de Francine, nos momentos que ela clica em seu *touchpad*, habilitando o microfone e/ou a câmera. Francine apresenta uma preocupação em não permitir que sua vida doméstica seja exposta àquele momento institucional.

O que se viu, ao longo da análise das interações entre as duas famílias, é que quando adentramos os contextos institucionais nas interações, percebemos um totem de vigília – seja um “drone” (Excerto 2) ou uma “telinha” (Excerto 7). A presença de determinados recursos materiais (i.e., objetos, equipamentos tecnológicos, etc.) disponíveis aos/as participantes faz com que as pessoas fiquem em estado de vigília, produzindo uma assimetria entre os domínios

das vidas doméstica e institucional, em que o institucional expande-se de maneira mais expressiva. Todavia, para que haja a expansão do domínio da vida institucional é necessário que esses equipamentos sejam, por vezes, acionados ou ligados. Esses objetos, por sua vez, consistem em *proxies* interacionais. Dito de outra forma, esses equipamentos (e.g., telefone celular, computador conectado à internet) são mediadores entre dois/duas ou mais interagentes. Desse modo, o significado dos objetos é (co)construído e (co)interpretado pelos/as interagentes e expressa, quando no domínio institucional, uma relação de poder.

5.2 OS DOMÍNIOS DOS ÂMBITOS INSTITUCIONAL E DOMÉSTICO

Tanto o domínio doméstico quanto o domínio institucional se fazem presentes em nossa vida durante o teletrabalho. A depender das ações dos/as interagentes, os domínios expandem-se ou retraem-se às expensas um do outro. No entanto, por mais intensa que seja a expansão de um domínio, o outro jamais é anulado. Mesmo com a expansão do domínio da vida doméstica, a presença do domínio institucional permanece, pois há um condicionamento dos/as interagentes que estão respeitando uma agenda institucional. Da mesma forma, quando há uma expansão do domínio da vida institucional, o domínio da vida doméstica mantém-se, pois é intrínseco às interações que ocorrem em uma ecologia de lar.

As interações desta pesquisa iniciam com um domínio prevalecendo sobre o outro. No caso do casal Felícia e Gustavo, o domínio da vida doméstica está mais aflorado em relação ao domínio da vida institucional. O casal está jantando e, pelas expressões faciais, posturas e forma com que ambos estão sentados, aparentam estar confortáveis, assistindo e comentando sobre o que se passa na televisão. Já no caso da Profa. Francine, conforme as suas condutas verbais e corporificadas, bem como a sua relação com o espaço interacional (e.g., ela está sentada com a postura ereta, a fisionomia séria e sua fala é formal, seguindo agenda e protocolo institucionais), o domínio institucional parece ser o predominante.

A expansão ou a retração dos domínios ocorre após um gatilho/convite. No exemplo do casal Felícia e Gustavo (Excertos 1 a 5), esse gatilho/convite é o toque do telefone celular, que faz com que Gustavo suspenda temporariamente as suas atividades relacionadas à vida doméstica (e.g., atividade de comer a polenta que estava direcionando até a sua boca). No caso de Francine e Augusta (Excertos 6 a 10), o gatilho/convite para a expansão do domínio doméstico é variado. Ele pode ser, por exemplo, tanto a atenção dispensada à atividade de fazer pipocas/cozinhar para uma outra atividade rotineira, como os pedidos de atenção e de informação da filha Augusta.

Observamos, nos dados, que após o gatilho/convite, ocorre um período de transição entre os dois domínios. Esse período de transição é caracterizado por condutas verbalizadas e corporificadas dos/as interagentes, que sugerem, normalmente, uma situação de estresse, ou ainda, de mudança dos ânimos. No caso de Felícia e Gustavo, é possível notar que Gustavo, ao ser convocado pelo chamado, paralisa a sua face, mudando a expressão facial. Felícia, por outro lado, de forma cômica, demonstra afiliação (e.g., empatia) à situação, verbalizando e referenciando o toque do telefone através de xingamentos (e.g., referência ao drone e aos “filhos da mãe”, e gestos, como a reprodução de um soco no ar). No caso de Francine e Augusta, há uma constante preocupação para que a vida doméstica não seja exposta à tela do computador – ou seja, aos/às participantes da reunião virtual.

Vimos também que o período de transição é encerrado a partir de uma ação do/a interagente de, metaforicamente, aceitar (ou não) o convite ao domínio. Na interação de Felícia e Gustavo, há tanto a presença do aceite ao novo contexto interacional, quanto a negação. O aceite ocorre quando Gustavo segura o celular e olha para a tela do aparelho. Em seguida, Gustavo passa a responder a um domínio majoritariamente institucional (e.g., sentar na cadeira de frente à tela do computador com postura ereta, abertura protocolizada da ligação). A negação é dada após uma verificação na tela do celular, quando ele percebe que a ligação, ao invés de institucional, é doméstica (i.e., seu avô). Já na interação de Francine e Augusta, o aceite à expansão do domínio da vida doméstica é feito, por exemplo, quando Francine sai de frente da tela do computador ou desliga a captura de som e/ou imagem projetados a ela. A recusa de expansão do domínio da vida doméstica pode ser percebida, por exemplo, quando Francine recorre ao fone de ouvido para seguir no domínio institucional.

É importante ressaltar que as expansões e retrações de domínios são dependentes da temporalidade e da conduta dos/as interagentes. Em outras palavras, conforme a interação procede em sua sequencialidade, ocorre a predominância de um domínio frente ao outro. Essa sequência interacional, nos excertos analisados, é caracterizada por um período do domínio antigo, um gatilho/convite que marca uma zona de transição e, após o aceite/a negação do convite, um novo domínio ou a prevalência do antigo contexto interacional. O sujeito, isto é, aquele/a que possui poder sobre as suas ações, é o/a interagente. Entretanto, os domínios, tanto o institucional quanto o doméstico, possuem um nível de influência sobre as ações dos/as interagentes. Ou seja, não é apenas o/a interagente, pelas suas ações, quem determina o curso do contexto interacional. A presença de determinados objetos faz com que as pessoas se (re)organizem interacionalmente e sintam-se na obrigação do cumprimento de suas atividades (sejam elas institucionais ou domésticas).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS¹⁰

Este trabalho buscou compreender como têm sido (co)construídas as interações sociais cotidianas e institucionais a partir de um mesmo ambiente físico (i.e., residências) entre membros/as de um mesmo grupo familiar do Brasil ao longo do período de distanciamento social, consequência da pandemia COVID-19.

O processo teórico-metodológico, por meio da Análise da Conversa Multimodal de base Etnometodológica, contou com a análise de registros audiovisuais de interações naturalísticas que exemplificam a expansão e a retração dos domínios da vida doméstica e da vida ocupacional e institucional, envolvendo as relações de trabalho e estudo em uma mesma residência, assim como os desafios impostos por essa dinâmica configuracional.

O registro dos vídeos das interações de situações cotidianas de determinadas classes sociais de famílias brasileiras é significativo, pois desvela a ação social acontecendo, com os seus múltiplos contextos em mutação. A partir da análise das gravações audiovisuais, identificamos que surgem novas sociabilidades, novas relações com o (tele)trabalho. Prioritariamente, o registro em vídeo tem um papel de documentação histórica da emergência da sociedade brasileira frente a novas e improvisadas dinâmicas da vida e das relações sociais. Os vídeos revelam como as pessoas estão fazendo, sendo e estando em seu mundo afetado por uma pandemia. A partir dessa dimensão documental, constatamos que algo mudou para sempre e descortina um tipo de vida que, para muitas pessoas, não existia antes da pandemia.

Existe uma relação das pessoas com o próprio espaço (seja ele físico ou virtual) onde estão (inter)agindo. As relações com os espaços e com os materiais disponíveis na ecologia interacional são feitas por meio do gerenciamento e da mobilização de recursos multimodais diversos, que podem ser utilizados de forma concomitante ou não. A utilização dos recursos multimodais (i.e., tanto recursos corporificados quanto não corporificados), na perspectiva êmica, é feita com base nas escolhas dos/as próprios/as interagentes para gerenciarem as contingências interacionais.

Pela análise realizada, percebe-se a existência de elementos externos à interação, procedentes de outros contextos, que demonstram um ponto de inflexão, em que domínios das vidas doméstica e institucional expandem-se e retraem-se dinamicamente em relação à temporalidade da sequência interacional. Esses elementos são visíveis a partir do emprego e da

¹⁰ Dissertação finalizada em janeiro de 2022, quando o planeta soma mais de 320 milhões de pessoas infectadas e mais de 5,5 milhões de vítimas da Covid-19, classificada pela Organização Mundial da Saúde como causadora de uma pandemia, e, pelo então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, como uma “gripezinha”.

mobilização de recursos corporificados, linguísticos e espaciais (tanto no sentido de corpos que se deslocam para (re)agir, quanto de (re)arranjos das configurações espaciais interacionais) e da intersubjetividade (co)construída pelos/as participantes para cada situação. O toque do celular, por exemplo, é um desses elementos externos que atua como um gatilho/convite para que, inclusive, o participante Gustavo suspenda as suas atividades domésticas, transitando ao domínio da vida institucional. O gatilho/convite atua como um *proxy* institucional que altera os ânimos dos/as interagentes. Além do toque, a tela do computador ligada e direcionada aos/às participantes também faz que eles/as orientem-se a um contexto institucional sempre presente. No entanto, a aceitação do novo contexto interacional é dependente, ao menos em parte, da pessoa interagente. Desse modo, verificou-se que as pessoas, (co)constróem o contexto interacional no qual estão inseridas. O emprego de recursos interacionais (i.e., linguísticos, corporificados, materiais) implica na retração ou na expansão de um determinado contexto interacional sobre o outro.

A assimetria da expansão da vida institucional em relação à vida doméstica justifica o título deste trabalho. O lar vira trabalho desde o espaço físico, a partir dos múltiplos rearranjos espaciais realizados pelos/as interagentes em suas residências. Espaços que antes eram utilizados para atividades do âmbito doméstico foram adaptados para multidomínios. O clima interacional é nitidamente alterado quando um gatilho/convite é acionado. Há uma alteração nos ânimos das pessoas (seja ficando tensas ou, ainda, mais atentas e preocupadas à sobreposição e à intercalação de outro domínio que não o em andamento).

O trabalho, contudo, não vira um lar. O sentido disso é que o trabalho, mesmo invadindo a nossas residências, continua sendo trabalho. Agendas precisam ser cumpridas. As residências, antes um ambiente familiar e doméstico, em sua completude, não são mais locais específicos e destinados a apenas tarefas rotineiras e cotidianas. Descanso, lazer e vida íntima abrem suas portas e espaço para a vida institucional, que entra sem bater (ao menos para quem não atuava em regimento de teletrabalho antes da pandemia).

Esta pesquisa não tem a pretensão de encerrar as discussões por aqui. Espera-se que elas não sejam finais, no sentido estrito da palavra. Almeja-se que elas sejam o começo. Esta pesquisa mostrou que a decisão de expansão assimétrica da vida institucional não é resultado das decisões e ações dos/as interagentes. Ela é resultado de um sistema de trabalho que sofreu alterações devido a uma pandemia. Muitas pessoas não tiveram escolha sobre como agir ou não nessa situação e precisaram submeter-se ao regime de teletrabalho, o que afetou as suas rotinas e o seu fazer no mundo social. Sugere-se que este estudo seja desenvolvido de forma a englobar

outras realidades sociais para a identificação de similaridades e contrastes nas expansões e retrações de domínios a partir da análise das interações sociais.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, T. D.; GOLDEN, T. D.; SHOCKLEY, K. M. How effective is telecommuting? Assessing the status of our scientific findings. **Psychological Science in the Public Interest**, v. 16, n. 2, p. 40–68, 1 jan. 2015.
- AQUINO, E. M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. suppl 1, p. 2423–2446, jun. 2020.
- ATKINSON, J. M. **Our masters' voices: the language and body language of politics**. London: Methuen, 1984.
- ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. **Structures of social action: studies in conversation analysis**. New York: Cambridge University Press, 1984.
- BLUMER, H. Social Psychology. In: EMERSON PETER SCHMIDT (Ed.). . **Man and Society: A Substantive Introduction to the Social Science**. New York: Prentice-Hall, Inc., 1937. p. 144–198.
- BOLDEN, G. B. Transcribing as Research: “Manual” Transcription and Conversation Analysis. **Research on Language and Social Interaction**, v. 48, n. 3, p. 276–280, 2015.
- CEKAITE, A.; MONDADA, L. **Touch in Social Interaction: Touch, Language, and Body**. London and New York: Routledge, 2020.
- CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Linguística Aplicada? In: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. A. (Eds.). **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15–23.
- CLARK, H. H. **Using language**. New York: Cambridge University Press, 2011.
- CRUZ, F. M. DA et al. O trabalho técnico-metodológico e analítico com dados interacionais audiovisuais: a disponibilidade de recursos multimodais nas interações. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 35, n. 4, p. 1–36, 2019.
- DEL CORONA, M. **O universo do 190 pela perspectiva da fala-em-interação**. 2011. 247 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.
- EKBERG, K. et al. The pervasive relevance of COVID-19 within routine paediatric palliative care consultations during the pandemic: A conversation analytic study. **Palliative Medicine**, v. 34, n. 9, p. 1202–1219, 1 out. 2020.
- FELSTEAD, A. et al. The option to work at home: Another privilege for the favoured few? **New Technology, Work and Employment**, v. 17, n. 3, p. 204–223, 1 nov. 2002.
- GARCEZ, P. M.; LODER, L. L. Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 21, n. 2, p. 279–312, dez. 2005.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1967.

GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. New York: Harper and Row, 1974.

GOFFMAN, E. **Forms of Talk**. University of Pennsylvania Press, 1981.

GOODWIN, C. Conversational Organization: Interaction Between Speakers and Hearers. **Conversational Organization: Interaction Between Speakers and Hearers**, September, p. 173, 1981.

GOODWIN, C. Action and embodiment within situates human interaction. **Journal of Pragmatics**, v. 32, n. 2000, p. 1489–1522, 2000.

GUO, E.; ZHANG, F. **From Offline to Online: The Reduced Embodiment in Teacher-Initiated Turn-Taking in GSL Instructions**. (C. Pang et al., Eds.) 19th International Conference on Web-Based Learning, ICWL 2020, and 5th International Symposium on Emerging Technologies for Education, SETE 2020. **Anais...Ningbo, China: Springer, Cham**, 2021. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-3-030-66906-5_34>.

HADDINGTON, P. et al. **Multiactivity in social interaction: Beyond multitasking**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014.

HADDINGTON, P.; MONDADA, L.; NEVILE, M. **Interaction and Mobility: Language and the Body in Motion**. Berlin, Boston: DE GRUYTER, 2013.

HERITAGE, J. A Change-of-State Token and Aspects of its Sequential Placement. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (Eds.). **Structures of Social Action**. [s.l.] Cambridge University Press, 1984. p. 299–345.

HERITAGE, J.; STIVERS, T. Conversation Analysis and Sociology. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (Eds.). **The Handbook of Conversation Analysis**. London: [s.n.]. p. 659–673.

HINDMARSH, J.; HEATH, C. Sharing the Tools of the Trade. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 29, n. 5, p. 523–562, 26 out. 2000.

HUTCHBY, I.; WOUFFITT, R. **Conversation analysis: principles, practices, and application**. Cambridge: Polity Press, 1998a.

HUTCHBY, I.; WOUFFITT, R. Analysing phenomena I: building a collection. In: HUTCHBY, I.; WOUFFITT, R. (Eds.). **Conversation Analysis: Principles, Practices and Applications**. Cambridge: Polity Press, 1998b. p. 93–119.

ISLAM, A. Work-from/at/for-home: CoVID-19 and the future of work – A critical review. **Geoforum**, v. 128, p. 33–36, 1 jan. 2022.

JEFFERSON, G. Transcript notation. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (Eds.). **Structures of Social Action: studies in conversation analysis**. New York: Cambridge University Press, 1984. p. ix–xvi.

KATILA, J.; GAN, Y.; GOODWIN, M. H. Interaction rituals and ‘social distancing’: New

haptic trajectories and touching from a distance in the time of COVID-19. **Discourse Studies**, v. 22, n. 4, p. 418–440, 1 ago. 2020.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: **Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 163–173.

KENDON, A. Some relationships between body motion and speech. An analysis of an example. In: SIEGMAN, A. W.; POPE, B. (Eds.). **Studies in Dyadic Communication**. New York: Pergamon Press, 1972. p. 177–210.

KENDON, A. Some reasons for studying gesture. **Semiotica**, v. 62, n. 1–2, 1986.

KENDON, A. **Conducting interaction: patterns of behaviour in focused encounters**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

KONRAD, P. G.; OSTERMANN, A. C. “Tu sabe? Te lembra?”: o resguardo de informações em interrogatórios policiais por meio da (com)posição de perguntas e respostas. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 20, n. 1, p. 73–95, 2020.

LISBOA, V. **Ipea: 11% dos trabalhadores fizeram home office ao longo de 2020 | Agência Brasil**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-07/ipea-11-dos-trabalhadores-fizeram-home-office-ao-longo-de-2020>>. Acesso em: 5 dez. 2021.

MARKEL, H. et al. Nonpharmaceutical Interventions Implemented by US Cities During the 1918-1919 Influenza Pandemic. **JAMA**, v. 298, n. 6, p. 644, 8 ago. 2007.

MEAD, G. H. **Espíritu, persona y sociedad**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

MOITA LOPES, L. P. Afinal, o que é linguística aplicada? In: MOITA LOPES, L. P. (Ed.). **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996. p. 17–25.

MONDADA, L. Multimodal resources for turn-taking: Pointing and the emergence of possible next speakers. **Discourse Studies**, v. 9, n. 2, p. 194–225, abr. 2007.

MONDADA, L. The organization of concurrent courses of action in surgical demonstrations. In: STREECK, J.; GOODWIN, C.; LEBARON, C. (Eds.). **Embodied Interaction: language and body in the material world**. New York: Cambridge University Press, 2011. p. 207–226.

MONDADA, L. The local constitution of multimodal resources for social interaction. **Journal of Pragmatics**, v. 65, p. 137–156, 2014.

MONDADA, L. The temporal orders of multiactivity: operating and demonstrating in the surgical theatre. In: HADDINGTON, P. et al. (Eds.). **Multiactivity in Social Interaction: Beyond multitasking**. [s.l.] John Benjamins Publishing Company, 2014b. p. 33–75.

MONDADA, L. Multiple Temporalities of Language and Body in Interaction: Challenges for Transcribing Multimodality. **Research on Language and Social Interaction**, v. 51, n. 1, p. 85–106, 2 jan. 2018.

MONDADA, L. **Conventions for multimodal transcription**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.lorenzamondada.net/multimodal-transcription>>. Acesso em: 1 maio. 2020.

MONDADA, L. et al. Changing social practices. Covid-19 and new forms of sociality. **Etnografia e pesquisa qualitativa**, v. 13, n. 2, p. 217–232, 2020a.

MONDADA, L. et al. Doing paying during the Covid-19 pandemic. **Discourse Studies**, v. 22, n. 6, p. 720–752, 1 dez. 2020b.

MONDÉMÉ, C. Comment parle-t-on aux animaux ? Formes et effets pragmatiques de l'adresse aux animaux de compagnie. **Langage et société**, v. 163, n. 1, p. 77, 2018.

NADER, D. **Entenda as diferenças entre o home office e o teletrabalho**. Disponível em: <<https://www.contabeis.com.br/noticias/46381/entenda-as-diferencas-entre-o-home-office-e-o-teletrabalho/>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

NEVILE, M. et al. **Interacting with Objects: Language, materiality, and social activity**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014.

ORWELL, G. **1984**. New York: Penguin books, 1950.

OSTERMANN, A. C.; FREZZA, M.; PEROBELLI, R. Literacy without borders: the fine-grained minutiae of social interaction that do matter (also in promoting health literacy). **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 1, p. 330–352, abr. 2020.

POMERANTZ, A.; FEHR, B. J. Conversation analysis: an approach to the analysis of social interaction. In: DIJK, T. A. VAN (Ed.). **Discourse studies: a multidisciplinary introduction**. [s.l.] SAGE, 2011. p. 165–190.

POMERANTZ, A.; HERITAGE, J. Preference. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (Eds.). **The Handbook of Conversation Analysis**. 1^a ed. [s.l.] Blackwell Publishing Ltd., 2013. p. 210–228.

ROSSANO, F. Sequence organization and timing of bonobo mother-infant interactions. **Interaction Studies. Social Behaviour and Communication in Biological and Artificial Systems**, v. 14, n. 2, p. 160–189, 5 ago. 2013.

SACKS, H. Notes on methodology. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (Eds.). **Structures of social action: studies in Conversation Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 1–27.

SACKS, H. **Lectures on Conversation**. Oxford (UK)/Cambridge (UK): Blackwell Publishing Ltd., 1992. v. 1–2

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A. Home position. **Gesture**, v. 2, n. 2, p. 133–146, 2002.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**, v. 50, n. 4, p. 696, dez. 1974.

SALOMON, I.; SALOMON, M. Telecommuting: The employee's perspective. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 25, n. 1, p. 15–28, 1 fev. 1984.

SANTOS, B. DE S. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. 1. ed. ed. São Paulo: Boi Tempo, 2021.

- SCHEGLOFF, E. A. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. *AJS*, v. 97, n. 5, p. 1295–1345, 1992.
- SCHEGLOFF, E. A. Discourse, pragmatics, conversation, analysis. *Discourse Studies*, v. 1, n. 4, p. 405–435, 1999.
- SCHEGLOFF, E. A. et al. Conversation analysis and applied linguistics. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 22, p. 3–31, 12 mar. 2002.
- SCHEGLOFF, E. A.; SACKS, H. Opening up closings. *Semiotica*, v. 8, p. 289–327, 1973.
- SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **A bailarina da morte**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SEEDHOUSE, P. Conversation analysis as research methodology. In: RICHARDS, K.; SEEDHOUSE, P. (Eds.). **Applying Conversation Analysis**. London: Palgrave Macmillan, 2005. p. 251–287.
- SEUREN, L. M. et al. Physical Examinations via Video for Patients With Heart Failure: Qualitative Study Using Conversation Analysis. *Journal of Medical Internet Research*, v. 22, n. 2, p. 1–12, 20 fev. 2020.
- SHAMIR, B.; SALOMON, I. Work-At-Home and the Quality of Working Life. *Academy of Management Review*, v. 10, n. 3, p. 455–464, 1 jul. 1985.
- SIDNELL, J. **Conversation analysis: an introduction**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2010.
- SILVERMAN, D. **Harvey Sacks: social science and conversation analysis**. New York: Oxford University Press, 1998.
- SPINNEY, L. **Pale rider: the Spanish flu of 1918 and how it changed the world**. New York: Public Affairs, 2017.
- STEENSIG, J. Conversation Analysis and Affiliation and Alignment. In: **The Encyclopedia of Applied Linguistics**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2012.
- STIVERS, T.; HAYASHI, M. Transformative answers: One way to resist a question's constraints. *Language in Society*, v. 39, n. 1, p. 1–25, 15 fev. 2010.
- STIVERS, T.; SIDNELL, J. Introduction: Multimodal interaction. *Semiotica*, v. 2005, n. 156, p. 1–20, 30 jan. 2005.
- STREECK, J.; GOODWIN, C.; LEBARON, C. Embodied interaction in the material world: an introduction. In: STREECK, J. (Ed.). **Embodied interaction: language and body in the material world**. New York: Cambridge University Press, 2011. p. 1–26.
- TEN HAVE, P. **Doing conversation analysis: a practical guide**. Londres: SAGE Publications, 2007.
- TIMMERMANS, S.; HAAS, S. Towards a sociology of disease. *Sociology of Health & Illness*, v. 30, n. 5, p. 659–676, jul. 2008.

VERONESI, D. et al. Reshaping Teacher-Student Interaction in the Virtual Classroom: a Case Study. **Img Journal**, v. 2, n. 3, p. 408–427, 2021.

WALKER, P. et al. The global impact of COVID-19 and strategies for mitigation and suppression. **Imperial College London**, 2020.

WEBER, M. Conceito da ação social. In: CUNHA, P. F. DA (Ed.). . **Fundamentos da Sociologia**. 2ª ed. Porto: Rés, 1983. p. 73–117.

WHERTON, J. et al. Guidance on the introduction and use of video consultations during COVID-19: Important lessons from qualitative research. **BMJ Leader**, v. 4, n. 3, p. 120–123, 1 set. 2020.

APÊNDICE A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

(1,8)	Ausência de fala em segundos e décimos de segundos
(.)	Micropausa
=	Fala colada
[texto]	Falas sobrepostas
,	Entonação contínua
↑texto	Entonação ascendente da sílaba
↓texto	Entonação descendente da sílaba
.	Entonação descendente de UCT
?	Entonação ascendente de UCT
-	Marca de interrupção abrupta da fala
::	Alongamento de som na sílaba
>texto<	Fala acelerada
>>texto<<	Fala muito acelerada
<texto>	Fala mais lenta
<<texto>>	Fala muito mais lenta
TEXTO	Fala com volume mais alto
°texto°	Fala com volume mais baixo
°°texto°°	Fala com volume muito mais baixo
<u>texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(texto)	Dúvidas da transcritora
xxxx	Fala inaudível
((texto))	Comentários da transcritora
<i>hhh</i>	Riso expirado
<i>hahahehehihi</i>	Risada com som de vogais
{{ação} texto}	Turnos ou palavras pronunciadas de acordo com a ação descrita entre chaves
.hh	Inspiração audível
hh	Expiração audível

Fonte: Jefferson (1984), adaptadas pelo grupo de pesquisa Fala-em-Interação em Contextos Institucionais e Não Institucionais, com marcações sugeridas pelo GAT2.

APÊNDICE B – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO MULTIMODAL¹¹

<p>* * o o + +</p>	<p>Cada participante da interação deve ganhar um sinal gráfico diferente para identificação. Os sinais delimitam onde a conduta do/a participante inicia e finaliza.</p> <p>Nesta pesquisa:</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Conduas de Felícia ❖ Conduas de Gustavo ▲ Conduas de Francine ▽ Conduas de Augusta
<p>--> (1.x)</p>	<p>A conduta descrita continua por linhas subsequentes até o que símbolo --> reapareça, acompanhado do sinal gráfico que identifica o/a participante.</p> <p>Exemplo:</p> <pre> 9 FEL ◆ não ↑quer >>que eu diminue<< o volume a a ◆-mov. cabeça e o. p 2 lados -->l.11a 10 a ↑a mor ❖ a gus >>-lev.-❖ 11 a ❖ (0,9) ◆ a fel -->◆ b b ❖-cam. ed mesa->l.12b </pre>
<p>-->></p>	<p>A conduta descrita continua até o final do excerto.</p>
<p>>>--</p>	<p>A conduta descrita inicia antes do início do excerto.</p>

Observações:

- 1) Cada conduta corporificada é atribuída a um/a participante, identificado/a por seu pseudônimo e por um símbolo que será utilizado ao longo da transcrição.
- 2) Se a conduta corporificada é feita pelo/a participante que está usando o turno, não é necessária a sua identificação na margem. Utilizamos letra maiúsculas em destaque para identificação da fala e letra minúscula para identificação de movimentos corporificados.
- 3) Os símbolos de identificação de cada participante são utilizados para demonstrar onde a ação inicia e termina. Estes símbolos são utilizados, também, na linha de fala, para que seja possível ao/à leitor/a sincronizar as condutas multimodais. Tenta-se

¹¹ Modelo de transcrição traduzido e adaptado pelo grupo FEI a partir da proposta de (MONDADA, 2019), intitulada “Conventions for Multimodal Transcription”.

alinhar os símbolos para representar essa simultaneidade. A descrição da ação é inserida entre estes dois símbolos.

- 4) O símbolo ‘#’ para identificação das imagens será marcado, também, na linha de fala, a fim de situar o/a leitor/a em que momento da (ausência de) fala a imagem foi capturada.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE ÁUDIO E VÍDEO

Você está sendo convidado/a participar de um estudo sobre as interações sociais no período de distanciamento social. O estudo está sendo conduzido por mim, Marina Kirsch Ohlweiler, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann (professora e pesquisadora da UNISINOS). Através deste estudo, queremos entender um pouco mais como são construídas as conversas a partir de interações entre os indivíduos do mesmo grupo familiar no período de isolamento, consequência do COVID-19.

As atividades que servirão de dados para a pesquisa são: (a) gravações em áudio e vídeo de momentos de interação, em diferentes horários e dias; (b) breves conversas ao telefone da pesquisadora com as pessoas que participaram da pesquisa; (c) anotações sobre o contexto pesquisado e sobre os/as participantes da pesquisa.

Sendo você participante do estudo, solicitamos sua autorização para gravar e analisar interações com a sua participação e anotar informações suas, como seu nome e idade. Sua participação nos ajudará a compreender um pouco mais como ocorrem interações cotidianas na esfera domiciliar em período do distanciamento social.

Não há riscos físicos associados à sua participação nesse estudo. No entanto, embora mínimos, há risco de desconforto e/ou de ameaça do anonimato da participação na pesquisa. Compreendemos que a presença do equipamento de gravação pode causar algum tipo de constrangimento. Para evitar isso, caso você sinta qualquer tipo de desconforto durante as gravações, como será você mesmo/a o/a que fará a gravação, você tem toda a liberdade para interrompê-la, excluí-la e não enviar este dado para a pesquisadora. As informações que obtivermos de você serão rigorosamente confidenciais. Seu nome, os nomes das pessoas que participaram da interação com você, nomes de outras pessoas que forem mencionados durante a gravação e mesmo o nome de cidade ou bairro em que você reside serão substituídos por outros nomes fictícios em qualquer apresentação ou publicação do nosso estudo. Seus dados serão absolutamente confidenciais e sua participação no estudo é totalmente voluntária.

Os dados coletados ficarão sob minha inteira responsabilidade e, após o término do estudo, serão gravados em um HD e arquivados pelo projeto de pesquisa maior de minha orientadora, permanecendo em seu gabinete para eventuais consultas necessárias a publicações científicas. Os dados serão guardados por tempo indeterminado e poderão ser utilizados no futuro para fins de pesquisa.

Você pode se recusar a participar desta pesquisa ou se retirar a qualquer momento sem qualquer penalidade. Sua decisão em participar ou não da pesquisa não afetará em nada a sua rotina do dia a dia. Você também tem o direito de fazer perguntas e de esclarecer dúvidas sobre o estudo a qualquer momento.

Se você tiver dúvidas ou perguntas, entre em contato conosco pelo telefone (51) 99600-0662, ou pelo e-mail marinako@edu.unisinos.br. Minha orientadora também pode ser contatada através do telefone 3591-1100, ramal 1349, ou pelo e-mail aco@unisinos.br.

Este documento será assinado digitalmente em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora. Caso não seja possível assinar o documento digitalmente, a autorização via áudio de *WhatsApp* também poderá ser encaminhada. Agradecemos por sua colaboração e interesse em nosso estudo.

_____, _____ de _____ de 2020.
(cidade) (dia) (mês)

Nome do/a Participante

Assinatura do/a Participante

Marina Kirsch Ohlweiler
Pesquisadora